

VOL.15 - Nº 29 - JANEIRO DE 2004

ISSN 1676-0336

ATERCEIRAIDADE

SESC SP

**Idosos, Cidade e Moradia:
Acolhimento ou Confinamento?**



**entrevista
Tomie Ohtake**



ATERCEIRIDADE

VOLUME 15 - Nº 29 - JANEIRO 2004

Publicação técnica editada pelo SESC
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ISSN 1676-0336

SESC SP

A Terc. Id.	São Paulo	v.15	n.29	p. 1 - 100	janeiro 2004
-------------	-----------	------	------	------------	--------------

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional do SESC/SP

Danilo Santos de Miranda

Superintendente Técnico-Social

Joel Naimayer Padula

Gerente de Estudos e Programas da Terceira Idade

Rui Martins de Godoy

Comissão Editorial

José Carlos Ferrigno (Coordenação)

Lília Ladislau

Maria Lucia Del Grande

Regina Sodré

Maria Aparecida Ceciliano de Souza

Valter Vicente Sales Filho

Marcos Prado Luchesi

Marcos Ribeiro de Carvalho

Maria Sílvia de Souza Mazin

Marta Lordello Gonçalves

Claudio Alarcon

Projeto Gráfico

Eron Silva

Equipe: Cristina Miras, Cristina Tobias, Euripedis Silva, Kelly Santos, Lourdes Teixeira, Marilu Donadelli, Sérgio Afonso, Roberta Alves, Daniel Silva.

Fotografias

Capa - Banco de Imagens. 2a. capa, páginas 4, 10, 14, 22, 29, 32, 36, 39, 40, 47, 48, 52, 68, 77, 78, 80, 84, 86 e 91: Gal Oppido. Páginas 18, 58, 72 e 75: Emidio Luisi. Páginas 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99 e 100: Nilton Silva

Artigos para publicação podem ser enviados para apreciação da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista A Terceira Idade - Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) - Av. Paulista, 119 – 9º andar - CEP 01311-903 – Fone: (011) 3179-3570 Fax: (011) 3179-3573 e-mail: ferrigno@paulista.sescsp.org.br

A Terceira Idade/Serviço Social do Comércio. ST-Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1 n. 1 (set. 1988)- .-São Paulo: SESC-GETI, 1988-

Quadrimestral
ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos I. Serviço Social do Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:

Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID - Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva - Escola de Educação Física - UFMG)

As Relações Intergeracionais
nas Sociedades Contemporâneas

Ricardo Moragas Moragas

7



Crianças e Velhos:
A Imagem do Outro

Mônica de Ávila Todaro / Geni de Araújo Costa

28



O Serviço Social
e a Interação entre
Adolescentes e Idosos

Maria José Silveira Cintra Rodrigues

48



Memória,
Velhice e
Pesquisa

Claudiene Nascentes

68



Idosos, Cidade e Moradia:
Acolhimento ou Confinamento?

Adriana Romeiro de Almeida Prado / Flávia Boni Licht

80



ENTREVISTA

Tomie Ohtake





O Estatuto do Idoso, a Cidade e o Convívio Entre as Gerações

Após 6 anos de tramitação no Congresso Nacional, o Estatuto do Idoso foi finalmente aprovado em setembro de 2003 e sancionado pelo Presidente da República no mês seguinte. O Estatuto, entre outras coisas, tipifica crimes contra o idoso, proíbe a discriminação nos planos de saúde pela cobrança de valores diferenciados em razão da idade, determina o fornecimento de medicamentos pelo poder público e garante descontos de 50% em atividades culturais e de lazer para os maiores de 60 anos e gratuidade nos transportes públicos para os maiores de 65 anos.

O Estatuto, sem dúvida, expressa uma histórica conquista dos idosos brasileiros, particularmente daquela parcela organizada em diversos movimentos e entidades, como nos conselhos municipais e estaduais do idoso e, mais recentemente, no Conselho Nacional dos Direitos do Idoso, do qual também fazemos parte. É preciso lembrar também a preciosa colaboração de técnicos e especialistas, além de instituições que, como o SESC, há muitos anos militam por essa causa.

Resta saber, como sempre, se os poderes públicos poderão tornar efetivo o seu cumprimento. O Estatuto deveria entrar em pleno vigor a partir de janeiro deste ano, mas, conforme amplamente divulgado pela imprensa, o Ministério da Saúde solicitou ao Executivo um prazo de 90 dias para poder responder às demandas contidas na lei.

O desafio é gigantesco se pensarmos no acelerado aumento do contingente de brasileiros com idade superior a 60 anos. Considerando-se que o atendimento aos velhos é ainda mais complexo nos grandes centros urbanos, chama a atenção a informação da Fundação Seade de que, em 2025, a população idosa paulistana crescerá 123%. Assim, São Paulo passará a abrigar mais de dois milhões de indivíduos com 60 anos de idade.

Nesta edição, a relação entre a cidade e o idoso é analisada no artigo das arquitetas Adriana Romeiro de Almeida Prado e Flavia Boni Licht. Há ainda um longo caminho a percorrer para que as cidades brasileiras, principalmente as de grande porte, possam propiciar uma boa qualidade de vida aos nossos velhos. Essa reflexão ganha destaque especial neste ano em que São Paulo completa 450 anos de existência. Em meio às comemorações, devemos aproveitar a oportunidade para trabalharmos com afinco em propostas de reformulação do espaço urbano, para que as cidades brasileiras se humanizem e propiciem uma vida digna a seus habitantes.

A questão da acessibilidade aos bens públicos é decisiva para que se possibilite a participação do idoso e, por conseqüência, a plenitude de sua cidadania, que inclui a colaboração dos mais velhos como agentes de preservação de nossa memória histórica, como demonstrado por Claudiene Nascentes em seu artigo “Memória, Velhice e Pesquisa”. O resgate de nosso passado é vital para compreendermos o presente e projetarmos o futuro.

Outro importante aspecto da vida social é o relacionamento entre as gerações. Sabemos que a sociedade moderna, principalmente nos grandes centros urbanos, distanciou as gerações ao estabelecer espaços exclusivos para cada uma delas, desde a infância até a senescência. Tal segregação, infelizmente, resulta em perdas tanto para jovens quanto para idosos. O convívio gera troca de conhecimentos e afeto, combatendo o preconceito etário. Essas idéias são analisadas em três artigos desta edição.

O professor da Universidade de Barcelona, Ricardo Moragas nos oferece um amplo painel sobre o relacionamento entre as gerações na sociedade moderna e particularmente na comunidade européia. Mônica de Ávila Todaro, Geni de Araújo Costa e Maria José Cintra Rodrigues relatam suas pesquisas sobre as representações geracionais de crianças, adolescentes e velhos brasileiros. Conhecer o que uma geração pensa das outras é premissa importante para a elaboração de estratégias de aproximação. Chamamos a atenção do leitor para o volume de contribuições sobre o assunto numa clara evidência sobre o interesse que o tema está despertando entre os estudiosos.

O SESC São Paulo sempre esteve atento a essa relevante questão. Desde seus primórdios, a entidade ofereceu espaços de uso comum a todas as faixas etárias e neste ano está implantando um novo programa: o “SESC Gerações”, lançado oficialmente no Congresso Internacional “Co-educação de Gerações” que realizamos em outubro passado. Através de atividades nas áreas de arte, lazer, cultura, esportes, turismo e voluntariado pessoas de todas as idades têm a oportunidade do convívio intergeracional, unidades dos SESC da capital, litoral e interior do Estado.

Esta entidade tem um compromisso muito claro relativamente à inclusão social e o programa “SESC Gerações” caminha decididamente nessa direção.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC de São Paulo

As Relações Intergeneracionais nas Sociedades Contemporâneas*

“Diferentemente da sociedade organizativa do século anterior, aparece nos países desenvolvidos a consciência de que é bom para a sociedade abandonar a segregação etária por gerações, já que esta dificulta a integração social, objetivo primário de todo programa político. O objetivo atual de todos os partidos políticos é conseguir a maior participação dos idosos na vida social e econômica, juntamente com as gerações, contribuindo para uma sociedade integrada por todos os grupos (embora sejam diferentes suas características), garantia de estabilidade em uma democracia”.

RICARDO
MORAGAS
MORAGAS

Diretor do Máster em Gerontologia Social e do Grupo de Pesquisas do Envelhecimento da Universidade de Barcelona, Espanha.

* Texto baseado em palestra proferida no Congresso Internacional “Co-educação de Gerações” promovido pelo SESC São Paulo, de 21 a 24 de outubro de 2003.

UM TERMO COM MUITOS SIGNIFICADOS

A palavra geração evoca diversos significados. O principal refere-se ao tempo histórico que agrupa pessoas em função de sua idade. A vivência dos mesmos acontecimentos origina atitudes, sentimentos e condutas semelhantes, que permitem identificar a seus membros como sujeitos da mesma geração. A análise das gerações inicia-se com Mannheim, seguindo-se a sociologia empírica a partir dos anos trinta; atualmente, é considerada uma forma útil de examinar a complexidade das sociedades contemporâneas através da análise de seus grupos etários com experiências compartilhadas.

As gerações, do mesmo modo, identificam-se com outras variáveis sociais que facilitam a análise dos grupos, que podem ou não coincidir com idades próximas. A experiência compartilhada na escola, em organizações econômicas ou ideológicas, a profissão, o lazer, a história, as guerras, as revoluções, o estilo de vida, a moda, a música e qualquer denominador da conduta de grupos identificam-se também como geração, sem referência à idade como se mostra no quadro 1.

QUADRO 1 Identificação de Gerações				
BASE DE CLASSIFICAÇÃO		TERMOS		
Idade	Meninos /As	Adolescentes	Adultos	Idosos
Experiência	0-12	13-17	18-64	+65
Ideologia Política Econômica	Progressista Liberal Esquerda Socialista		Tradicional Conservador Direita Capitalista	
	Proletário Trabalhador		Proprietário Empresário Burguês	
História	Guerras	Revoluções		Governo
	Púnicas 30 Anos G. Civil Espanhola Vietnam Golfo Iraque	Independência Liberação		Totalitarismo Ditadura Monarquia Democracia
Tecnologia	Imprensa Maquina Vapor Tv, Computador		Luz, Gás, Eletricidade Automóvel, Transistor Telefone Celular	
Estilo de Vida	Moda	Música	Consumo	Comida
	Jeans Mini-saia Hippie Yuppie	Rock & Roll Jazz New Age	Ostentado Ecológico Sustentável	Anglo Mediterr. Biológica

CAMPO DAS RELAÇÕES ENTRE GERAÇÕES

A família, tanto na sociedade tradicional agrícola como na industrial moderna, é o campo no qual têm lugar a maioria das relações intergeracionais, embora as formas e intensidade das mesmas variem.

Família Extensa Agrícola Tradicional

A família agrícola tradicional, existente hoje em muitos países em desenvolvimento como na Europa pré-industrial, estabelece um quadro de vida global, com a convivência de várias gerações, uma escassa mobilidade geográfica, na qual se desenvolvem a maior parte das atividades vitais de seus membros: produção, consumo, educação e religião. Nesta família, que inclui membros de diversas idades, é inevitável a freqüência das relações entre gerações com suas respectivas obrigações segundo suas idades, aptidões e partilha de atividades necessárias. As relações com outras gerações externas à família estavam limitadas pelo aspecto geográfico e vivencial.

Família Nuclear Industrial Moderna

Nas sociedades industriais surge a família nuclear de duas gerações, pais e filhos, procedentes das migrações rumo às cidades, onde estabelecem seu lar. Inicia-se uma forma de vida, diferente daquela da família agrícola tradicional, determinada pelas exigências do trabalho industrial. Na família industrial não se produz, como na agrícola, para o consumo próprio, mas se trabalha para que se possa comprar bens e serviços no mercado com o dinheiro do salário. O trabalho

TABELA 1.
CONTATOS DOS IDOSOS COM SUA FAMÍLIA E COM JOVENS (APENAS IDOSOS) NOS PAÍSES DA COMUNIDADE EUROPEIA, EM PERCENTAGEM

	A	B	C	D
Bélgica	35,8	40,3	4,4	10
Dinamarca	13,8	45,5	1,8	7,7
França	34,2	33,8	3	15,2
Itália	70,7	37,7	3,4	8,4
Países Baixos	19,2	37,2	3,2	7,2
Espanha	60,7	26,4	1,4	11,3
Alemanha	46,5	36,5	3,9	6
Grécia	64,8	27,8	6,3	18,3
Irlanda	50,1	46,4	3,4	6,1
Luxemburgo	38	39,5	3,1	14,1
Portugal	59,9	32,5	3,8	6,1
Reino Unido	21,9	42,2	4	7,3
Com. Européia	44,4	36,4	3,4	9,1

A
Contatos diários
com familiares

B
Contatos com jovens
com muita freqüência

C
Contatos familiares:
nunca / sem família
nem amigos

D
Nenhum contato
com jovens

Fonte: CCE, 1993.

“Na família industrial não se produz, como na agrícola, para o consumo próprio, mas se trabalha para que se possa comprar bens e serviços no mercado com o dinheiro do salário. O trabalho dos pais facilita aos filhos uma educação e nível de vida que os primeiros não puderam desfrutar, resultando em diferenças ideológicas e de valores entre ambas as gerações. Os filhos, ao buscar trabalho fora do lar, procurarão, por sua vez, a independência residencial, ao formar uma nova família”.



dos pais facilita aos filhos uma educação e nível de vida que os primeiros não puderam desfrutar, resultando em diferenças ideológicas e de valores entre ambas as gerações. Os filhos, ao buscar trabalho fora do lar, procurarão, por sua vez, a independência residencial, ao formar uma nova família. A convivência independente das duas gerações não supõe o desaparecimento das relações familiares. Segundo Shanas, 75% dos adultos nos Estados Unidos tinham um filho vivendo a trinta minutos de tempo de viagem e mais da metade dos pesquisados o tinham visto nos dois dias anteriores à pesquisa. Esta situação foi denominada por Rosenmayr “intimidade à distância”. É comum nos países desenvolvidos e assegura que a independência entre lares de pais e filhos não pressuponha ruptura das relações entre as duas gerações.

Nas sociedades desenvolvidas, as relações intergeracionais fora da família se apóiam nas relações sociais, como membros da variedade de instituições das quais o cidadão participa, trabalho, educação, política, religião e lazer, nas quais convivem gerações de várias idades e ideologias e habitualmente são produzidos intercâmbios em profusão.

O PRECONCEITO DA IDADE OU “IDADISMO”

Durante mais de dois mil anos de história humana, a idade foi um critério de status social. Os velhos eram poucos e, por isso, valorizados por seus semelhantes mais jovens; para chegar a uma idade avançada era necessário possuir certo status ou poder que permitisse uma alimentação e forma de vida sem as carências e trabalhos exaustivos da maioria da população. Envelheciam os sacerdotes, os reis, os nobres e privilegiados que desfrutavam de poder sobre a maioria e que não tinham que se preocupar em obter seu sustento básico; controlavam os recursos materiais e espirituais nas sociedades históricas. Os velhos eram poucos e seu pequeno número, aliado ao poder (material e espiritual) e à experiência de vida, os colocava em uma posição de respeito e obediência devidos pela maioria. Os velhos mandavam, tanto política como econômica e espiritualmente, e raramente se discutiam suas decisões. A situação muda radicalmente com as revoluções políticas e industriais. O poder já não é exclusivo do rei e de alguns nobres, mas é transferido ao povo através do processo democrático, nomeando a seus representantes escolhidos, os quais detêm agora o poder.

Na vida prática, logo depois das revoluções políticas surgem as revoluções industriais, o conhecimento não se apóia mais na experiência, mas sim na ciência que permite a aplicação da energia, a tecnologia e o maquinário para benefício da maioria da população. Na vida social, a experiência perde valor e o progresso se fundamenta na educação universal, na difusão dos conhecimentos e na inovação. O poder espiritual se desvincula do material e o respeito aos velhos por sua experiência como base social é substituído pelo respeito à ciência, à técnica e ao progresso para as massas através dos cientistas, engenheiros e líderes re-

volucionários que são jovens. A idade e a experiência cedem espaço como fonte do status e poder social para a inovação, a juventude e o experimento. No século XX, ao final da Segunda Guerra Mundial, o jovem predomina sobre o velho na reconstrução da Europa. Começa a se consolidar o preconceito etário, que afirma a importância da juventude e a irrelevância do velho para a nova sociedade.

Surge o "idadismo" que - como todo "ismo", racismo, fascismo, nacionalismo - implica numa exclusão do outro para benefício próprio; que, neste caso, se concretiza no preconceito do conflito entre gerações: o que uma geração consegue, o faz em detrimento da outra, numa visão conservadora e pouco realista da dinâmica econômica e social.

O "idadismo" constitui a primeira etapa da discriminação por idade. Começam a aparecer, desconsiderando-se o que dizem as leis, as limitações aos direitos básicos por razão de idade. Na Europa, a discriminação tem início a partir da idade convencional de aposentadoria de 65 anos, estabelecida em 1886 pelo chanceler Bismarck. Atingida esta idade, o trabalhador se converte em aposentado, sem um papel social reconhecido e aceito e, o que é pior, em uma sociedade que valoriza o trabalho como fonte de status econômico e social, o aposentado não produz, é um passivo que desperdiça recursos públicos através das aposentadorias, o que acarreta uma avaliação negativa.

O preconceito etário cria categorias falsas para os adultos que trabalham, como demonstrou posteriormente a psicogerontologia ocupacional, mas que se difundem rapidamente: o trabalhador idoso é menos seguro, sofre mais acidentes, é menos estável, apresenta maior absenteísmo e dificuldades de aprendizagem, o que o torna inadequado em um ambiente inovador e de mudança. Em resumo, não pode participar como trabalhador produtivo e, portanto, é bom para a economia aposentá-lo o quanto antes possível, surgindo a prática generalizada da aposentadoria antecipada antes dos 65 anos.

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS : COOPERAÇÃO OU CONFLITO

As relações entre gerações, como tantos fenômenos sociais, podem ter resultados positivos (cooperação) ou negativos (conflito), para o indivíduo e para a sociedade, achando-se presentes em todas as culturas.

Sem ser exaustivo, são detalhadas a seguir algumas instâncias de cooperação ou de conflito intergeracional na família, na educação, no trabalho e a na política.

1- COOPERAÇÃO

Na Família

A cooperação na família constitui o tipo mais importante de cooperação social, seja na família de origem, de destino ou em ambas. A cooperação familiar

se manifesta numa diversidade de funções:

- Atendimento das necessidades primárias, como alimentação, vestuário, moradia.
- Educação social e transmissão dos valores familiares e culturais do grupo.
- Ajuda econômica a qualquer momento, segundo a necessidade do sujeito.
- Apoio emocional do nascimento até a morte.

Esta variedade de funções origina diversas obrigações sociais e legais para cada geração, avós, pais e filhos. Entretanto, o descumprimento das obrigações familiares é castigado com maior intensidade se exercido pelas gerações adultas (pais e avós) em relação aos seus descendentes (filhos e netos) do que se exercido pelos jovens (filhos e netos) em relação a seus ascendentes (pais e avós). O Estado controla e sanciona ativamente aos pais que não cumprem com as obrigações do pátrio poder, inclusive com a perda da custódia dos filhos; entretanto, tal não ocorre em relação ao descumprimento das obrigações dos filhos frente a seus pais em situação de necessidade.

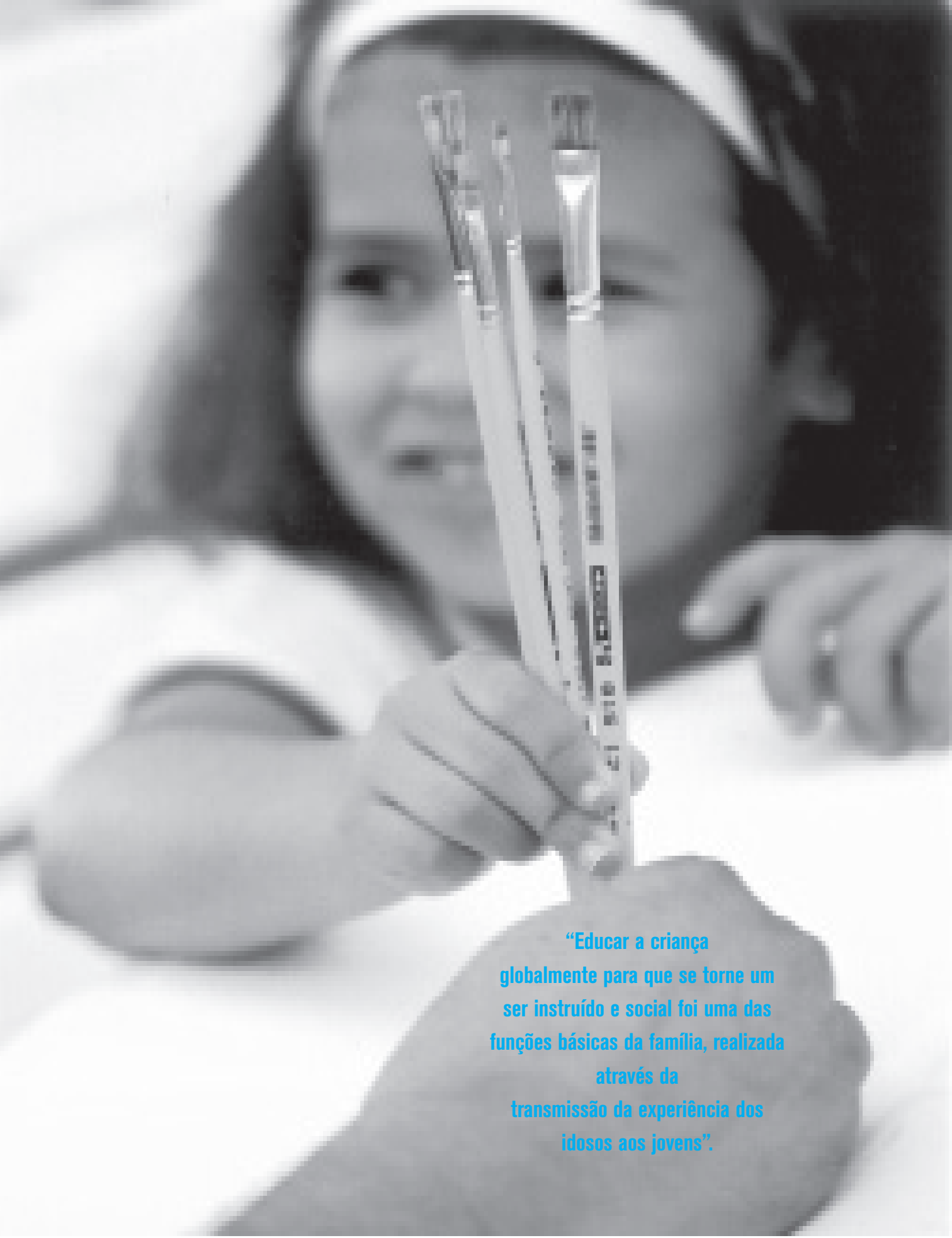
Na Educação

Educar a criança globalmente para que se torne um ser instruído e social foi uma das funções básicas da família, realizada através da transmissão da experiência dos idosos aos jovens. Modernamente, a família cedeu a educação em conhecimentos à escola, mas deveria continuar mantendo a formação em valores. Resulta evidente em uma sociedade dinâmica e móvel a necessidade de cooperação família-escola que, infelizmente, não se produz com a devida fluidez e com atribuição mútua de responsabilidades não satisfeitas.

Na sociedade tecnologicamente avançada, os conhecimentos mais recentes não são possuídos pelos mais velhos, mas sim pelos jovens e, com freqüência, se hipertrofia a importância dos avanços tecnológicos para a formação dos jovens, esquecendo-se dos valores humanísticos e sociais.

Em diversos campos se reconhece a necessidade da transmissão de tais valores aos jovens, através da experiência dos mais velhos, surgindo os programas educacionais de educação intergeracionais. A história, a cultura da comunidade, as instituições, as profissões tradicionais, o artesanato e a gastronomia do passado são comunicados às gerações jovens para uma interpretação global do mundo contemporâneo. Oficinas intergeracionais, casas de ofícios tradicionais, museus populares com demonstrações artesanais, bate-papos de idosos em escolas, etc, são manifestações de que os mais velhos podem contribuir para a formação dos jovens.

“o trabalhador idoso é menos seguro, sofre mais acidentes, é menos estável, apresenta maior absenteísmo e dificuldades de aprendizagem, o que o torna inadequado em um ambiente inovador e de mudança”.



“Educar a criança globalmente para que se torne um ser instruído e social foi uma das funções básicas da família, realizada através da transmissão da experiência dos idosos aos jovens”.

No Trabalho

O trabalho pode ser um espaço de cooperação intergeracional quando as gerações adultas transmitem conhecimentos baseados na experiência aos jovens. O conflito tradicional entre trabalho e família para a adequação do emprego do tempo e os interesses do trabalhador foi superado por parte das empresas e organizações progressistas com a conciliação da vida familiar e profissional. Existem diversas iniciativas para facilitar o cumprimento das obrigações familiares intergeracionais e profissionais. As creches, as licenças-maternidade ampliadas e a redução de jornada, as ausências do trabalho para cuidado de familiares idosos doentes são amostras das tentativas de compatibilizar as obrigações trabalhistas com as familiares intergeracionais.

Na Política

A colaboração entre idosos e jovens é tradicional em política, com precedentes tão remotos como o Senado romano, e que se reproduziram de diversas formas nos conselhos de anciãos através da história. Na sociedade contemporânea, os partidos políticos nas democracias assumem a necessidade de contar com os jovens e são frequentes os mecanismos de cooperação entre as novas gerações e os veteranos.

2 - CONFLITO

A luta pelos recursos econômicos escassos ou pelo poder nas mãos de uns poucos origina o conflito presente em todo tipo de grupos. Nas relações intergeracionais se manifesta nas seguintes instituições:

Na Família

Os sistemas sociais originaram sistemas de distribuição de poder e recursos na família que limitam o conflito. O direito romano estabeleceu a primogenitura pela qual o irmão maior assume na sociedade agrícola tradicional o poder econômico e de gestão na família, base da exploração familiar. O que parece injusto em relação a outros irmãos se equilibra na realidade com mecanismos como as compensações econômicas ou em espécie, o emprego e/ou a assistência permanente dos irmãos solteiros no lar comum. A primogenitura explica, por outro lado, o desenvolvimento das cidades, o comércio e os ofícios e as artes por parte dos filhos mais jovens, obrigados a sair do lar familiar para estabelecer o próprio e, portanto, a ter iniciativa e iniciar novas atividades.

O amparo e ajuda entre gerações na sociedade contemporânea, devido aos compromissos trabalhistas dos filhos, reveste com frequência a forma de ajuda dos avós aos filhos, ao cuidar dos netos. Esta cooperação vantajosa para ambas as partes pode resultar no abuso dos filhos que deslocam todas as obrigações a seus pais (avós) para o cuidado de seus filhos (netos). Quando a cooperação voluntária é benéfica para ambas as partes se converte em abuso dos filhos e

obrigação imposta se origina a denominada “Síndrome da Avó Explorada”, identificada no atendimento médico primário através de esgotamento físico da avó e complexo de culpa, por não lograr cumprir totalmente as obrigações que lhe impõem os filhos exploradores em relação a seus netos e a toda a família.

Na Educação

O conflito entre gerações forma parte da relação entre educadores e educandos. No entanto, isso é consubstancial à instituição educadora em todas as latitudes e momentos pelo que não se pode singularizar como conflito contemporâneo. Outro conflito autêntico é o que acontece entre educadores jovens e veteranos, assim como pais jovens e outros de maior idade, devido à diversidade de valores entre as gerações etárias. A dinâmica social acelerada propiciou um abismo entre as gerações de educadores que devem proporcionar uma oferta educativa semelhante e que não o fazem pela radical diferença de valores religiosos, políticos e sexuais no seio da escola e em relação às famílias. O que deveria ser um campo de convivência se converte em um campo de batalha e os mecanismos de cooperação, como os conselhos escolares, não fazem mais que refletir a diferença radical de valores que potencializa a inimizade e não a cooperação.

No Trabalho

O conflito intergeracional fundamental se deve à competição entre jovens e veteranos pelos postos de trabalho escassos na economia contemporânea: As empresas, com a política de substituição trabalhadores adultos com salários elevados por jovens com menores salários que propiciam economia, não contribuem para resolução do conflito. Isso leva às reestruturações de empresas rentáveis e às duplas escalas salariais que estimulam o conflito entre gerações.

Na Política

O conflito pelo poder político se manifesta no seio dos partidos de qualquer orientação, pelo enfrentamento entre jovens progressistas e veteranos conservadores. Este conflito na realidade reflete a manifestação do envelhecimento dos dirigentes em sua etapa vital, valorizando os recursos presentes mais que os futuros, já que sua própria esperança de vida não garante que possam desfrutar deles. Na realidade, como a psicogerontologia explica, trata-se de uma manifestação das mudanças que o envelhecimento origina nos indivíduos e que expressam em seus diferentes espaços vitais.

Na Religião

A tutela das crenças coletivas através de uma hierarquia que as interpreta constitui por si mesma o campo ideal para o conflito entre jovens e veteranos. A

sociedade contemporânea materialista e agnóstica demanda propostas inovadoras por parte dos jovens, que enfrentam a resistência dos que têm o poder e sabem que a história das religiões é o permanente conflito entre conservadorismo e “progressismo”.

A SOCIEDADE ORGANIZATIVA: PERDA DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

O fim da Segunda Guerra Mundial origina um enfoque organizativo da sociedade tanto no trabalho como na vida social. Os critérios de eficiência e produtividade estabelecem que os grupos sociais afins em idade, educação e cultura são mais eficientes e aparece a especialização funcional não só no trabalho, mas também na vida social. A sociedade se compartimentaliza por grupos de idade, o que leva à segmentação na vida social por grupos etários. Afirma-se que os grupos de idade semelhantes são mais eficientes funcionalmente. Propaga-se que o esporte, o lazer e a cultura para serem mais “eficientes” se pratiquem com idades semelhantes. Isso é uma verdade parcial que, levada a seus extremos, supõe uma segmentação da sociedade por idades, base da desintegração social que afeta a tantas sociedades desenvolvidas.

Aparece a questão da produtividade, o número de unidades produzidas por recursos aplicados como critério de eficiência nas relações sociais. Esquece-se que uma sociedade não pode ser eficiente, nestes termos. Ela se acha integrada socialmente por seus elementos básicos, seres humanos com necessidades específicas de inter-relação. Os grupos sociais se organizam para conseguir um objetivo de eficiência definido, segundo critérios economicistas, recursos investidos versus resultados materiais ou quantidade obtida. Este princípio, válido para as atividades produtivas, despreza, nas relações sociais, a dimensão humana, a qualidade e não quantidade das relações sociais. Com base em critérios de produtividade social, aparecem os grupos de lazer com segregação absoluta por idades, os clubes esportivos com atividades por idade, os partidos políticos com grupos de gerações isoladas, as associações ideológicas e religiosas especializadas por idade. O exposto anteriormente é funcionalmente lógico e defensável até certo ponto, mas, levado a seus extremos, supõe a ruptura do diálogo entre gerações e a perda da saudável integração social através do contato entre sujeitos de idades diversas.

As diferentes gerações perdem ocasiões de se relacionar com sujeitos de idades diferentes da própria e surge a ignorância ou o menosprezo aos que são diferentes em idade. Existem menos relações entre gerações, tanto na família como no resto da vida social, com o perigo de que o que não se conhece, se

“O conflito pelo poder político se manifesta no seio dos partidos de qualquer orientação, pelo enfrentamento entre jovens progressistas e veteranos conservadores.”

“O ser humano é sociável por natureza e a falta de relação é utilizada em todas as idades como um indicador de marginalização e possível desajuste social, origem de condutas negativas para o indivíduo e a sociedade”.



ignora e se menospreza.

Existe o perigo de que as sociedades industriais avançadas acabem segregadas por idades e interesses particulares de cada grupo, em detrimento da democracia baseada na integração social e na participação de todos os cidadãos. A aparição do envelhecimento nas sociedades desenvolvidas e a pouca participação dos aposentados na vida social, revelou-se como um tema de interesse para qualquer partido político; os idosos marginalizados constituem um potencial de eleitores ao qual se dirigem hoje todas as mensagens eleitorais. Além disso, como se sabe pela sociologia eleitoral, os idosos votam mais que as outras faixas etárias, ao menos enquanto se tornem fisicamente dependentes.

A SOCIEDADE DO SÉCULO XXI E A INTEGRAÇÃO DAS GERAÇÕES

Diferentemente da sociedade organizativa do século anterior, aparece nos países desenvolvidos a consciência de que é bom para a sociedade abandonar a segregação etária por gerações, já que esta dificulta a integração social, objetivo primário de todo programa político. O objetivo atual de todos os partidos políticos é conseguir a maior participação dos idosos na vida social e econômica, juntamente com as gerações, contribuindo para uma sociedade integrada por todos os grupos (embora sejam diferentes suas características), garantia de estabilidade em uma democracia.

Solidão e Relacionamento Social

O ser humano é sociável por natureza e a falta de relação é utilizada em todas as idades como um indicador de marginalização e possível desajuste social, origem de condutas negativas para o indivíduo e a sociedade.

Solidão e isolamento são definições condicionadas pela realidade cultural e pessoal pelo que se devem respeitar as preferências individuais. A relação social, por exemplo, é mais freqüente em algumas culturas, como no Mediterrâneo e América Latina, do que em outras, como nos países anglo-saxões e escandinavos.

Na Gerontologia se utiliza a solidão residencial como um indicador de possível patologia social. A falta de relação origina com freqüência alguma ou todas as seguintes deficiências na qualidade de vida:

- Deficiências na alimentação (para que preparar uma comida se se vai comer sozinho? Basta abrir uma lata);
- Deficiências nos hábitos higiênicos (para que se assear, se não se vai ver ninguém);
- Deficiências na personalidade psicossocial. A falta de relação não é boa para ninguém, já que se perde a importância própria na vida social e se tende a elaborar uma personalidade “solitária” afastada da realidade.

O caso extremo de solitários anti-sociais constitui a “síndrome de Diógenes” caracterizada pelos velhos solitários, acumuladores de objetos inúteis e lixo, com saúde frágil, alimentação deficiente, os quais rechaçam toda intervenção alheia. O romance de Doris Lesing, “Diário de uma Boa Vizinha”, descreve literariamente a

“O ser humano é sociável por natureza e a falta de relação é utilizada em todas as idades como um indicador de marginalização e possível desajuste social, origem de condutas negativas para o indivíduo e a sociedade.”

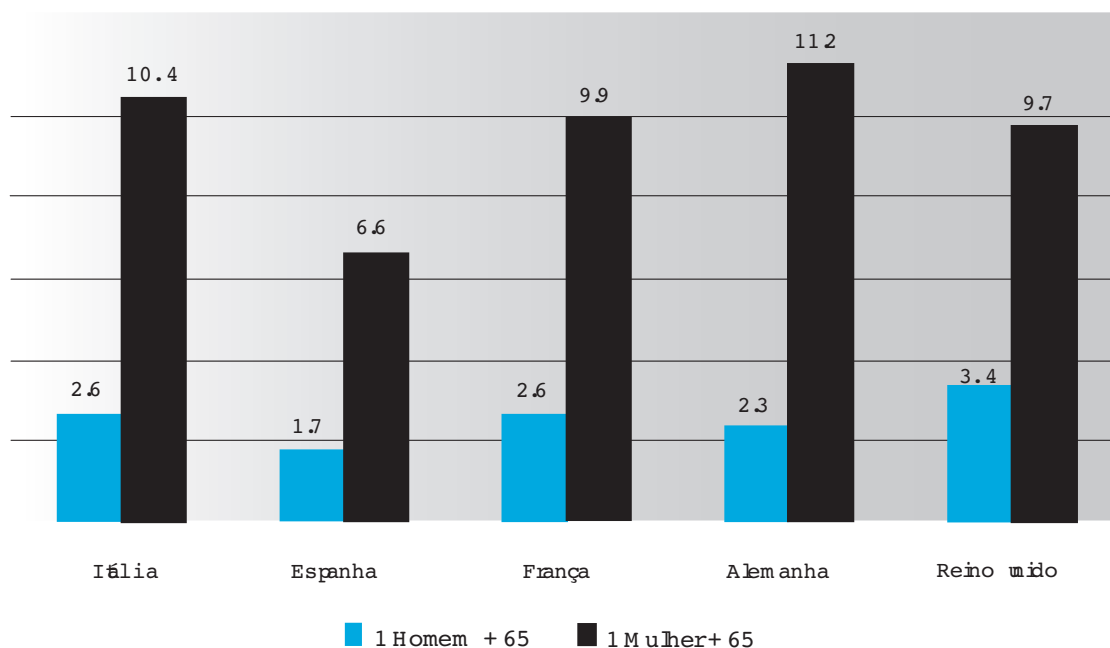
situação de uma pessoa que rechaça toda intervenção alheia, apesar das limitações que supõem suas condições precárias. A trama termina quando sua conduta interfere com a saúde ou bem-estar de seus vizinhos, que denunciam a situação e, finalmente, intervêm os serviços sanitários ou sociais.

O grupo mediterrâneo de Gerontologia Social (Universidades de Barcelona, Marselha, Milão e Portugal) realizou nos anos de 2002 e 2003 uma investigação sobre os idosos marginalizados dos serviços assistenciais, sanitários e sociais, comprovando que em sociedades desenvolvidas como as mencionadas subsiste a “síndrome de Diógenes” apesar dos mecanismos de controle existentes.

A solidão patológica se inicia com freqüência pela solidão residencial, razão pela qual a Gerontologia utiliza os indicadores de solidão residencial ou lares de um só membro adulto como fontes de possível patologia social. Nos gráficos abaixo podemos visualizar a quantidade e a distribuição de idosos que vivem sós na Europa de modo geral e na Espanha mais especificamente por sexo e faixa etária:

Com freqüência se menciona que a internação em residências geriátricas tem como objetivo combater a solidão e as deficiências na alimentação, no cuidado pessoal, na higiene e na assistência sanitária dos idosos. Seja por uma ou

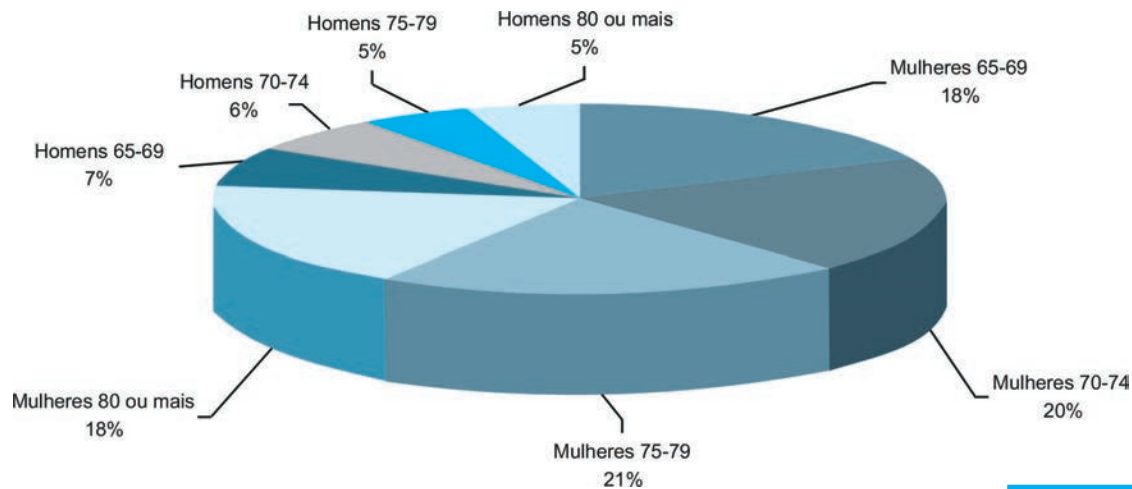
GRÁFICO 1
PERCENTUAL DE LARES DE UMA SÓ PESSOA DE 65 ANOS E MAIS.



Fonte: EUROSTAT, 1998: Enquête sur les Forces de Travail. Luxemburgo.

GRÁFICO 2

IDOSOS QUE VIVEM SOZINHOS POR SEXO E GRUPOS DE IDADE. ESPANHA 1998



Fonte: CIS, Estudio 2443, janeiro 2002

todas as razões, resulta evidente que tais instituições facilitam a atenção e reduzem o custo de satisfazer as necessidades das pessoas frágeis. Em relação às relações familiares, infelizmente, estas se reduzem quando do ingresso em residências, por uma diversidade de causas:

- Predomínio da mentalidade asilar. O asilo é um lugar que resolve vários problemas, corta as relações do idoso;
- O asilo proporciona a suficiente sociabilidade e a família interfere com o ritmo da mesma. Isso pode ser certo apenas para alguns asilos, que realmente facilitam por todos os meios o contato com a família;
- Ocupações e distância geográfica dos familiares.

Benefícios das relações intergeracionais familiares

Na sociedade do século XXI se assume universalmente que as relações são benéficas para o indivíduo e para a sociedade. Para o jovem, porque lhe transmite a perspectiva histórica de que carece e que vai ser uma ancoragem para sua futura necessidade de pertencer a uma comunidade, pátria e cultura, em uma sociedade dinâmica caracterizada pela mudança contínua. Para a pessoa idosa, porque lhe permite contribuir ao futuro que viverá o jovem e do qual os mais velhos têm necessariamente uma perspectiva reduzida, dada sua escassa esperança de vida.

As relações familiares são boas para a sociedade porque facilitam a integração social, ameaçada pela especialização da sociedade organizativa do século passado e, na prática, porque facilitam a prestação de serviços sanitários e sociais e a ajuda econômica que as administrações não podem ministrar.



“As relações familiares são boas para a sociedade porque facilitam a integração social, ameaçada pela especialização da sociedade organizativa do século passado e, na prática, porque facilitam a prestação de serviços sanitários e sociais e a ajuda econômica que as administrações não podem ministrar.”

Supondo um custo da ajuda de 7,8 euros/hora, sem diferenciar por tipos de população, teríamos uma contribuição anual de 17 trilhões de euros ao ano,

TABELA 2
HORAS SEMANAIS E ANUAIS DE ATENÇÃO FAMILIAR POR DEPENDÊNCIA E GÊNE-

	Total Dependentes			Dependentes Graves		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Média semanal	22,30	21,70	22,50	38,90	35,70	40,20
Horas anuais dependente	1.160	1.128	1.170	2.023	1.856	2.090
Total horas anuais	2.253,50	760,00	1.485,70	1.296,90	562,40	706,90

Nota: Em milhões - dados totais.

Fonte: IMSERSO(2000), La protección social de la dependencia.

Madrid: Ministério de Asuntos Sociales

que cria 9.181,70 euros por dependente/ano a nível geral e 16.012 euros ao ano por dependente grave. Isso dá idéia do esforço da família espanhola na atenção pessoal de seus idosos.

Direito e relações familiares

O direito napoleônico que vigora no Mediterrâneo e na América reconhece a importância das relações familiares entre as gerações, impondo obrigações e outorgando direitos aos diversos membros da família. Parte-se do princípio das

“As relações familiares são consideradas tão necessárias que, no caso de orfandade ou incapacidade dos pais, o Estado proporciona instituições quase que familiares, que tentam reproduzir o ambiente familiar ou facilitar a adoção por parte de famílias”.

obrigações de ambos os cônjuges até a maioridade do filho ou de sua independência econômica. Em caso de necessidade, se estabelece o dever de assistência, que inclui a habitação, alimentação e assistência médica, segundo os diferentes códigos civis e que compreende a pais e filhos reciprocamente e, em alguns casos, aos irmãos.

As relações familiares são consideradas tão necessárias que, no caso de orfandade ou incapacidade dos pais, o Estado proporciona instituições quase que familiares, que tentam reproduzir o ambiente familiar ou facilitar a adoção por parte de famílias.

Economicamente a família se protege pelo estado com serviços em espécie, ajudas diretas ou deduções fiscais para reduzir a carga suportada pelas famílias na sociedade contemporânea.

1992 - O Ano Europeu das Relações Intergeracionais

A União Européia fez ecoar pela primeira vez internacionalmente a necessidade de se estabelecer relações intergeracionais sãs em 1992. Para este fim, convocou a todos seus membros para que apresentassem iniciativas criativas de relações intergeracionais. A iniciativa foi um êxito e todos os países realizaram numerosas atividades em torno do tema. O resultado superou amplamente os objetivos perseguidos, já que se realizou uma tomada de consciência que afetou a amplos setores sociais, associações de voluntariado de todas as idades, entidades com e sem fins lucrativos, administrações públicas estaduais e municipais, que responderam com projetos existentes ou iniciados especificamente para o ano europeu.

O Máster em Gerontologia Social teve o privilégio de convocar a todos os programas de Educação e Formação Universitária em Gerontologia Social em Barcelona para elaborar o primeiro arquivo, que resultou em 62 programas em Educação e 143 em Investigação. Além da convocatória, análise, difusão e premiação aos diversos programas intergeracionais, o ano Europeu produziu uma mobilização social com importante apoio dos meios de comunicação. Para alguns jornais, emissoras de rádio e televisão foi o primeiro contato sério e amplo com o fenômeno do envelhecimento e o conhecimento de que exista uma ciência social, a Gerontologia, que o trata cientificamente.

O êxito do Ano Europeu das Relações Intergeracionais se explica por diversas razões”

- Enfoque positivo do envelhecimento: Tratava-se de tomar consciência da importância do envelhecimento na Europa, mas não se mencionou o mesmo diretamente, mas sim através de um de seus aspectos mais positivos, a solidariedade intergeracional. Por meio do conceito “solidariedade”, introduziu-se um elemento positivo que captou a atenção do público.

- Base científica, com estudos variados sobre o envelhecimento nos diver-

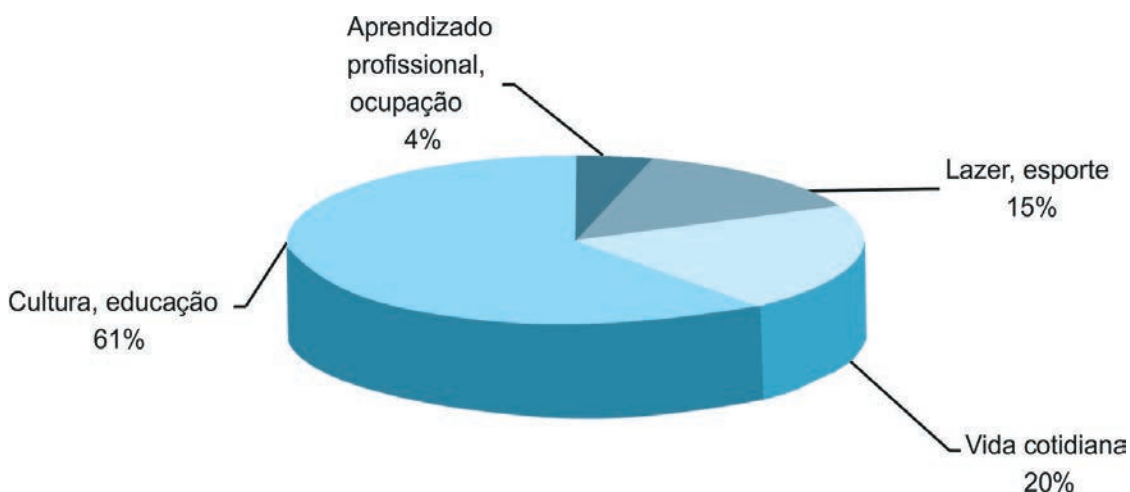
dos países da União Européia, analisando as diferenças, mas potencializando o significado de cidadania européia com o objetivo da convergência dos sistemas de amparo social à velhice.

- Apoio estratégico, econômico e contínuo da Comissão Européia, cujo presidente naquele ano, Jacques Delors, tinha e mantém uma imagem social e transeuropéia muito positiva e manteve em Bruxelas interesse em proporcionar relevância ao ano europeu.

FUTURO DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

As relações intergeracionais constituem um instrumento efetivo para

GRÁFICO 3 PROJETOS INTERGERACIONAIS APRESENTADOS POR CAMPO DE ATUAÇÃO



Fonte: Fundação “la Caixa” (1994). Cooperação Internacional. Barcelona: “la Caixa”.

enfrentar o envelhecimento, já que oferecem um enfoque positivo na família e em outras relações sociais. Na sociedade moderna se confirma sua importância, apesar dos ataques sofridos pela sociedade organizativa, já que contribuem à integração social e se produzem em diversos campos e formas, como demonstrou amplamente o Ano Europeu das Relações Intergeracionais, com uma grande diversidade de projetos.

Dada a situação econômica mundial de contenção e inclusive redução dos gastos em saneamento e serviços sociais, resulta imperativo estruturar formas assistenciais que proporcionem qualidade sem incremento do custo.

O problema fundamental e urgente no envelhecimento consiste na assistência ao crescente número de pessoas dependentes e cujo número segue

umentando, devido ao incremento da esperança de vida e melhoria dos serviços sanitários. O mecanismo para enfrentar a dependência nos países mais desenvolvidos (Alemanha, Áustria, Luxemburgo) foi a aprovação dos Seguros de Dependência públicos que proporcionam cobertura a todos os cidadãos sem consideração à origem de sua limitação. (MORAGAS, R.M., 2003) e (MORAGAS, R.M., 2002).

Entretanto, nas atuais circunstâncias, torna-se difícil a extensão de ditos seguros nas economias com outras prioridades na assistência sócio-sanitária.

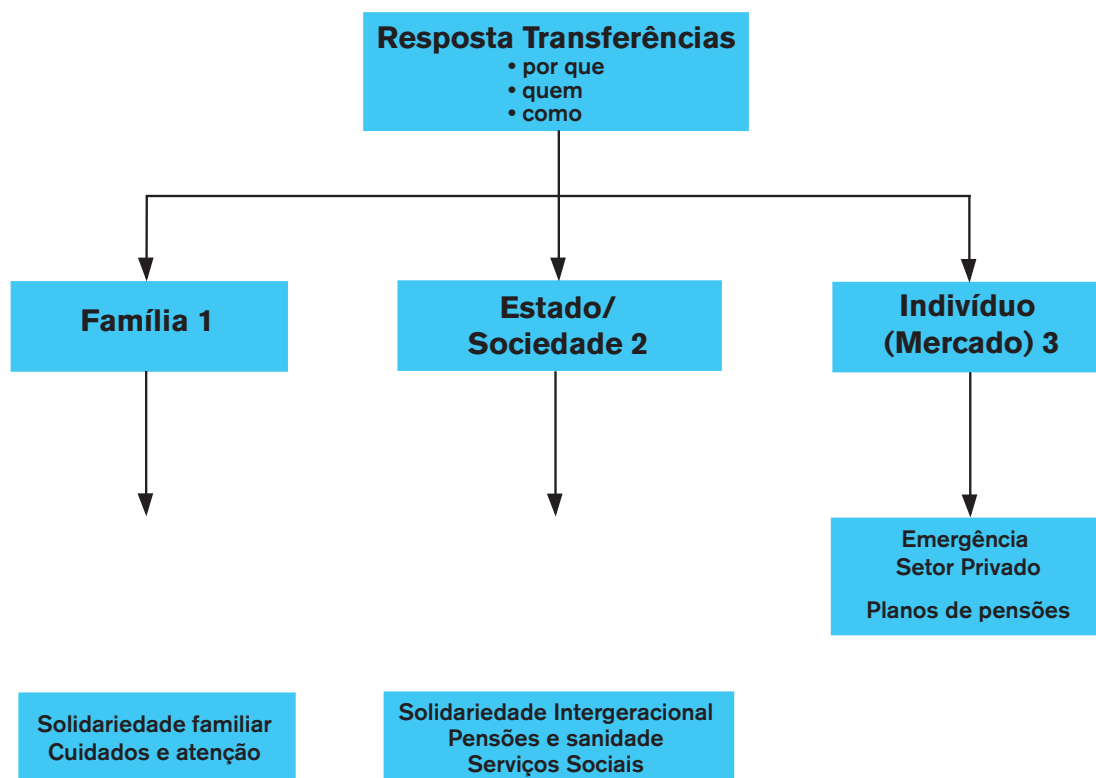
As relações familiares, em forma de ajuda às pessoas dependentes, reduzem o custo da assistência, como demonstra a experiência mundial e, em especial, a dos países mediterrâneos, nos quais a assistência à dependência se desempenha majoritariamente pela família.

O Brasil se acha em uma circunstância histórica única, com um governo comprometido com o progresso social e com a melhoria das condições de vida de seus cidadãos menos favorecidos, entre os quais se encontram os idosos dependentes. O país tem uma responsabilidade especial neste momento e é contemplado como modelo do que outros países em vias de desenvolvimento podem realizar para transformar o atual modelo de amparo social. O que se aprove e realize no Brasil nesta legislatura, influenciará diretamente o desenvolvimento social no resto dos países ibero-americanos, e até em outros continentes, como a Ásia e África.

As políticas sobre envelhecimento que foram aplicadas nos países desenvolvidos cometeram numerosos enganos, com gastos inúteis e abundantes e qualidade assistencial limitada. A elaboração de políticas gerontológicas, para serem efetivas, deve apoiar-se na realidade cultural de cada sociedade. Os países com maiores semelhanças com o Brasil e América Latina são Portugal, Espanha e os países mediterrâneos dada a cultura comum e a integração com as culturas nativas.

As universidades mediterrâneas colaboram desde 1992 em educação e investigação gerontológicas. A Universidade de Barcelona iniciou a base de dados para identificar todos os programas existentes no Brasil e América Latina, a partir do Congresso Ibero-americano de Gerontologia Social (CIAGS), em Barcelona (2003). O resultado deste foi a formação de grupos de trabalho América Latina-Mediterrâneo, para analisar e propor políticas e programas realistas para o envelhecimento, em economias com limitações, que levem em conta a família e as outras relações intergeracionais na sociedade, como uma das bases para a assistência aos idosos dependentes.

FIGURA 1
SISTEMAS DE TRANSFERÊNCIA DE RECURSOS PARA AS PESSOAS IDOSAS



Fonte: Fundação “la Caixa” (1994). Cooperação Internacional.
Barcelona: “la Caixa”.

A assistência às pessoas dependentes não deve ignorar a importância da política para o resto da população que envelhece, evitando a aparição da dependência, o que inclui numerosos programas de envelhecimento ativo e com qualidade. As relações intergeracionais ocupam um importante papel na prevenção da dependência e nos programas para um envelhecimento ativo. Isso prova a importância e oportunidade do presente Congresso, cujas conclusões servirão de referência para o futuro do envelhecimento no Brasil e América Latina.

Referências Bibliográficas

MORAGAS, R. M. *El coste de la dependencia al envejecer*. Barcelona: Herder, 2003.

MORAGAS, R. M. *Gerentologia social*. Barcelona: Herder, 2002.

Crianças e Velhos: A Imagem do Outro

“O acolhimento da sabedoria dos mais velhos pelas crianças se dá em função do status especial que a própria posição lhe confere, ou seja, o idoso perante as crianças torna-se um conhecedor do que faz, um líder, capaz de tudo resolver pelas experiências acumuladas. Para as crianças o perfil identitário dos mais velhos se dá na condição de avós e estes, pelo descompromisso educacional, econômico e/ou social conseguem satisfazer as necessidades e desejos do pulsar infantil, condição básica para ser aceito e reconhecido”.

*“Imagem de espelho, espelhismo;
imagem de imaginar; imagem que
não correspondente a alguma realidade,
igual e oposto ao mesmo tempo”.*
(M. Esperanza Figa)



MÔNICA TODARO

Pedagoga. Mestre em Gerontologia e Doutoranda em Educação pela UNICAMP. Coordenadora Pedagógica da Prefeitura de Atibaia/SP. Docente da Universidade São Francisco de Bragança Paulista/SP. Vice-presidente do Conselho Municipal de Idosos de Atibaia/SP.

GENI DE ARAÚJO COSTA

Professora de Educação Física. Mestre e Doutora em Educação pela PUC de São Paulo. Coordenadora do Projeto de Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade da Universidade Federal de Uberlândia.

Introdução

Na vida em sociedade, costuma-se aceitar certos tipos de imagens que facilitem a compreensão do processo civilizatório em que nos situamos. Trata-se de uma questão cultural que se pode constatar no simples manuseio de livros didáticos ou de literatura infantil e também na mídia eletrônica. A velhice apresentada através da imagem da vovó gorda, sempre calma, sentada numa cadeira de balanço, com os óculos dependurados no nariz, internaliza em nós a imagem do velho benevolente e alienado. Já as crianças são mostradas nestes meios como seres saudáveis, alegres, que estão sempre brincando, o que nos remete à infância como a melhor fase de nossas vidas. Sobre essa temática, Nogueira (1992) demonstrou, através de estudos sistematizados, que a literatura infantil é um veículo de transmissão de atitudes que apresenta imagens multifacetadas sobre a velhice.

Ao confrontarmos tais imagens, perguntamos: são a velhice e a infância

mentos opostos que nada têm em comum? Ou são espelhos que refletem imagens idênticas? Segundo Gusmão (no prelo), a Antropologia é uma ciência que está habilitada a tratar as múltiplas e diversas formas de ser. Neste caso, ser velho ou ser novo e, portanto, a velhice e a infância, fazem parte do que se pode chamar de categorias criadas e construídas socialmente com o intuito de revelar interesses, exploração e dominação sobre estes dois grupos etários. Ciente dessas construções sociais e em sintonia com as questões mais específicas do estudo, farei a seguir uma revisão teórica atualizada e abrangente, buscando dessa forma uma fundamentação mais aprofundada sobre o tema.

Segundo Neri (2001), as crenças avaliativas sobre um dado objeto, em parte refletem normas sociais. As mesmas estão incluídas no componente cognitivo que, junto com o emocional e a tendência à ação, fazem parte do que a autora descreve como atitudes. Atitudes são predisposições aprendidas e relativamente estáveis para responder frente a um objeto. Atitudes e crenças são reflexos de supergeneralização - *“Todos os velhos são doentes”* - e também de supersimplificação ligadas a um estereótipo positivo - *“Todos os velhos são bonzinhos”* ou a um estereótipo negativo - *“Todos os velhos são sovinas”*.

É preciso deixar claro que ao usarmos os termos crianças e velhos, devemos evitar seu uso indiscriminado como se todos fossem iguais. A heterogeneidade também é uma realidade, isto é, a diferença deve ter o seu lugar. Nesta experiência, partimos do princípio de que os velhos não são iguais e as crianças também não são. Daí poder afirmar que existem inúmeras velhices e não uma única comum a todos. A velhice, e com ela seus sujeitos, não pode ser vista como um processo linear e determinista, pois é um processo de permanente construção e reconstrução que leva a inúmeras subjetivações.

Hobsbawn (1991), refletindo sobre conflitos étnicos, afirmava que é difícil administrar as diferenças entre cidadãos portadores de direitos desiguais. Neste sentido, proclama-se que as crianças são as portadoras da esperança de um futuro melhor, enquanto os velhos são considerados um peso na sociedade capitalista. Para uma melhor compreensão da atual situação dos velhos no contexto contemporâneo, passamos em seguida, na visão do adulto, a comentar questões que de certa forma influenciam a imagem refletida dessa categoria e em seguida faremos uma comparação com a questão da infância.

Dados fornecidos pelo IBGE apontam que o Brasil em menos de 20 anos passou de 16º para 10º lugar entre os países de maior população idosa do mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) prevê que em pouco mais de 20 anos chegaremos a ter 15% de idosos da população total, como já é possível verificar nos países da Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e no Japão.

A Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período entre 1975 e 2025 como a *“Era do Envelhecimento”* - período sócio-histórico e econômico de acentuado crescimento da população idosa. E prevê que o Brasil, em poucas décadas, por volta do ano 2020, tende a ser o país mais envelhecido da América Latina e, ainda, o 6º país mais idoso do mundo, com 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos.

“É preciso deixar claro que
ao usarmos os termos
crianças e velhos,
devemos evitar seu uso indiscriminado como
se todos fossem iguais.
A heterogeneidade
também é uma realidade,
isto é, a diferença deve
ter o seu lugar.”

Os inúmeros avanços conseguidos pelas sociedades fizeram com que muitos anos fossem acrescidos às suas populações, pois a longevidade é uma conquista do desenvolvimento e esse é um processo inevitável e irreversível. Como consequência, muitos indivíduos estão sobrevivendo hoje no Brasil por períodos mais longos, sem que necessariamente estejam vivendo em melhores condições socioeconômicas ou sanitárias.

Atualmente, o acelerado desenvolvimento tecnológico com avidez invade o mercado de trabalho, provocando necessidades drásticas de reajuste de pessoal, com especializações apropriadas para o acompanhamento também acelerado da competitividade, da produtividade e do lucro. Tudo se dá sem maiores discussões, em nome da expansão econômica e do progresso. Mas que progresso é esse que interessa ao consumo inesgotável e à destruição dos valores e tradições culturais? Que evolução é essa, que para manter-se viva precisa negar o passado? Nessa sociedade competitiva, a lei da superação da geração mais velha pela mais jovem é um ato humano? E os valores de reconhecimento e solidariedade entre elas? Essas são questões que devem permear toda a discussão que envolve o processo de envelhecimento da população brasileira no sentido de implementar ações que garantam respeito, dignidade e qualidade de

vida para os idosos.

A visão da velhice como um conjunto de perdas e disfunções leva a uma concepção estigmatizadora dos velhos. Ao deixar de projetar na sociedade seus atributos qualitativos, sua independência e sua parcela produtiva, os velhos deixam de ser reconhecidos como cidadãos e os estereótipos negativos passam a determinar o processo. A sociedade, por sua vez, abandonando os valores permanentes, o respeito ao passado e o culto à reflexão, internaliza os valores da juventude, do consumo, do descartável, da tecnologia e legitima-os como modelos adequados e representativos do comportamento social (COSTA, 2000).

Na verdade, a sociedade consegue hoje, com seus valores alterados, destruir a memória histórica e viva dos idosos e com ela segue a morte de novos projetos de vida. Os idosos encolhem-se, retraindo-se de seu lugar social, causando um grande empobrecimento para todos. Essa destruição faz os mais velhos sentirem-se como imigrantes perdidos no espaço, pois, segundo Haddad (1986, p.32), *na medida em que na sociedade industrial moderna o que importa é produzir, os idosos são esquecidos o tempo todo porque não interessa a essa sociedade investir em programas que não ofereçam retorno.*

“Cremos que todas as crianças sejam papéis em branco que precisam ser preenchidos pelas mãos de adultos. E cremos que os velhos sejam papéis inúteis que podem ser descartados por já estarem gastos. É preciso parar para pensar se nossas crenças não nos estão impedindo de ouvir estas duas categorias de sujeitos, deixando de aprender com elas e de estabelecer a comunicação entre vivências, saberes, aprendizagem e ensino.”



Se, por um lado, enquanto trabalhadores ativos os idosos são esquecidos, por outro, quando se desligam definitivamente ao se aposentarem, e já tendo absorvido os valores ideológicos e juvenis da lucratividade e da eficácia, assumem o articulado comportamento prescrito pelo poder social. Por isso, se autodefinem como desqualificados, inúteis e “*problemáticos*”, com a chegada da velhice. Em função dessa concepção negativa sobre a velhice que circula na sociedade muitos idosos incorporam um sentimento de incompetência e passam a subestimar seu potencial.

A produção ideológica do social marca a experiência do envelhecer; define o perfil identitário dos sujeitos do processo. Assim, ser velho significa ter sua identidade definida a partir da relação que estabelece com o outro – uma alteridade jovem. Py (1999, p.47), descrevendo sobre o pulsar da vida, situa, também, de forma elucidativa, o percurso da constituição da identidade humana ao afirmar que *é na perspectiva psicanalítica que se centram essas reflexões sobre a construção da identidade do ser humano, que ao longo da vida precisa seguir, reconhecendo-se ele mesmo, no confronto dessa imagem idealizada com a verificação realista das suas capacidades e limites, ao mesmo tempo em que precisa satisfazer as exigências do outro, que é, afinal a condição para que seja aceito.*

Se as razões de viver são produzir e consumir, como diz Rodrigues (1992), como ficam os velhos e as crianças neste contexto? Alijados do mundo produtivo? Algum especialista poderia dizer que por estarem na escola formal, as crianças estão a seu modo produzindo. Mas no caso dos velhos, aposentados e afastados do mercado de trabalho, como fica?

Então, o que a princípio parece uma dicotomia se torna complementar na medida em que nestas duas etapas da vida o que se possui é um autêntico face a face com o enigma, com o desconhecido. E sobre o que não conhecemos profundamente lançamos ferozmente nosso olhar e o transformamos em generalização ou simplificação.

Assim, cremos que todas as crianças sejam papéis em branco que precisam ser preenchidos pelas mãos de adultos. E cremos que os velhos sejam papéis inúteis que podem ser descartados por já estarem gastos. É preciso parar para pensar se nossas crenças não nos estão impedindo de ouvir estas duas categorias de sujeitos, deixando de aprender com elas e de estabelecer a comunicação entre vivências, saberes, aprendizagem e ensino.

E se ousássemos, por exemplo, pensar em uma escola onde a diferença e a pluralidade se manifestassem através da coexistência entre velhos e crianças?

Historicamente, é sabido que somente depois dos séculos XVI e XVII reconheceu-se que a infância existia. Plumb (1971) observa que, nesta época, cada vez mais a criança se tornou objeto de respeito, uma criatura especial, de outra natureza e com outras necessidades, que precisava estar separada e protegida do mundo adulto.

Por outro lado, a desvalorização, a descaracterização e o preconceito determinantes da velhice na atualidade, segundo Ariès (1981, p. 48-49), sofrem influência significativa quanto a valores sociais, à periodização particular da vida

humana e à idade privilegiada de cada época. Para o autor, a demanda demográfica, mesmo que interpretada ingenuamente, anuncia e determina as inquietações prementes do momento histórico vivido e analisado. Ele propõe, resumidamente, uma demarcação temporal relacionada às “idades da vida” e determina as idades privilegiadas de cada época: a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII; a “infância”, do século XIX; e a “adolescência”, do século XX. Para o autor, essas variações de um século para o outro [...] *dependem das relações demográficas. Assim, a ausência da adolescência ou o desprezo pela velhice, de um lado, ou, de outro, o desaparecimento da velhice, ao menos como degradação, e a introdução da adolescência exprimem a reação da sociedade diante da duração da vida.*

Do mesmo modo, Ariès (1981, p.48), traçando a evolução das idades da vida, notabiliza as imposições de cada época e comprova a desatenção e o descaso com que a velhice vem sendo tratada. Dessa forma, o velho ressentido e deslocado do ambiente social, timidamente rejeita a própria imagem e tenta rejuvenescer-se para manter-se ativo na sociedade. Essa evolução citada pelo autor ocorreu em duas etapas [...] *primeiro houve o ancião respeitável, o ancestral de cabelos de prata, o Nestor de sábios e prudentes conselhos, o patriarca de experiência preciosa: o ancião do século XIX. Ele não era ainda muito ágil, mas também não era mais tão decrepito como o ancião dos séculos XVI e XVII. Ainda hoje resta alguma coisa deste respeito em nossos costumes. Mas, esse respeito, na realidade, não tem mais objeto, pois, em nossa época, [...], o ancião desapareceu. Foi substituído pelo “homem de uma certa idade” e por “senhores ou senhoras muito bem conservados”. Noção ainda burguesa, mas que tende a se tornar popular. A idéia tecnológica de conservação substituiu a idéia ao mesmo tempo biológica e moral da velhice.*

Simone de Beauvoir (1990, p.243) faz uma denúncia sobre a percepção negativa da velhice, sustentando que, em todos os tempos, *a ideologia da classe dominante visa sempre a justificar suas condutas: quando é governada por pessoas idosas, ela valoriza a idade avançada.* Em outras palavras, transferindo tal proposição para a sociedade atual, significa dizer que semelhante conotação ideológica é evidenciada, uma vez que a situação estigmatizada dos velhos, sujeitos despossuídos de importância social, ainda, permanece fortalecida no ideário estrutural da sociedade. A ideologia da velhice que predomina na classe dominante se transforma, ideologicamente, em valor para toda a sociedade. Haddad (1986), sustenta que a classe dominante, tentando conservar sua hegemonia, provoca a mais sólida e cruel degradação do homem velho.

A determinação e institucionalização do curso de vida, própria da modernidade, não apenas regulamentam os estágios da vida ordenando-os em uma seqüência retilínea. Mas, também delineiam perspectivas e projetos que devem servir de *guias* na elaboração, tanto individual como coletiva, de ações particularizadas.

A manipulação e classificação das categorias de idade, ressalta Bourdieu (1983), estão diretamente relacionadas com as lutas políticas, nas quais, pela disputa do poder, os grupos sociais encerram seus desejos e, arbitrariamente,

definem e/ou dividem por idade os diferentes momentos do ciclo da vida. A idade cronológica é o principal mecanismo de atribuição de poder e prestígio no interior das classes sociais. O autor afirma que as *classificações por idade (também por sexo e classe) acabam sempre impondo limites e produzindo uma ordem em que cada um deve se manter [...] em seu lugar* (ibid, p.112).

Na modernidade capitalista, outras configurações particulares demarcatórias de funções, atitudes de direito e de dever ou atribuições comportamentais são produzidas de forma ritualizada (votar, dirigir, aposentar e transitória entre classificação etária e/ou geracional dos indivíduos pode ser representada por Bourdieu (1983, p.113), quando diz: *Somos sempre o jovem ou o velho de alguém.*

Hoje em dia, percebe-se que é esta separação que nos faz pertencer a este ou aquele grupo de idade. O que significa ter que se adequar a normas bastante precisas. Em cada idade “podemos” ou não, “devemos” ou não fazer uma série de coisas. E, sobretudo, temos de levar em conta os possíveis desvios em relação aos modelos socialmente aceitos (Lloret, 1998).

Ariès (1962) observa que grupos etários são organizados em torno das instituições. Atualmente podemos confirmar isto nas instituições voltadas única e exclusivamente para as crianças, como por exemplo, as escolas de ensino fundamental que as separam das maiores. E no caso dos velhos podemos verificar esta prática nos espaços de educação não-formal, onde as atividades são oferecidas unicamente para os velhos. No Brasil, é notória a proliferação de programas para a Terceira Idade, os quais, oferecidos por ONGs, instituições públicas e/ou privadas, têm mobilizado um pequeno contingente de idosos e, fundamentalmente, feminino. Infelizmente, ainda são poucas as instituições que se configuram em locais aonde se vai para experienciar vivências intergeracionais.

De modo geral, segundo Costa (2000), no que se refere às diferenças observadas nos relatos dos idosos com os quais trabalha, o que mais se evidencia é a forma de como a Terceira Idade se torna parte da consciência dos indivíduos. Enquanto as mulheres sentem o seu corpo perdendo forças e tomando contornos desconhecidos (as metamorfoses do corpo), através de manifestações de doenças ou mudanças nas funções cotidianas, os homens parecem associar essa passagem à chegada da aposentadoria, a uma impossibilidade cultural e muitas vezes legal de continuar exercendo uma atividade profissional produtiva e rentável.

De acordo com o contexto histórico, já citado, se principalmente o século XVIII ajudou a nutrir e divulgar a idéia de infância é somente no final do século XIX que os franceses se destacam por passarem a dar um tratamento social à

“No Brasil, é notória a proliferação de programas para a Terceira Idade, os quais, oferecidos por ONGs, instituições públicas e/ou privadas, têm mobilizado um pequeno contingente de idosos e, fundamentalmente, feminino.”

etc). Essa situação cambiante

**“O que crianças brasileiras pensam
a respeito de velhos brasileiros?**

**Há que se investigar esta questão mediante
o reconhecimento da separação entre o EU e o OUTRO,
respeitando as opiniões e diferenças,
para que possamos lutar por um espaço
mais plural e mais universal
da humanidade”.**



velhice. Quanto ao Brasil, neste século, o tema da velhice entra na moda teórica e a discussão do que fazer com tão abundante população inativa ganha audiência e leitores (MOTTA, 1995). Não são apenas as instituições que se voltam para esta questão, mas também o mercado de consumo e a mídia.

Em termos de possibilidades sociais, a criança e o velho se encontram em um ponto onde lhes faltam atributos e possibilidades que estão reservadas apenas aos adultos: o ápice da máxima potência. Enquanto as crianças são enviadas ao mundo dos adultos, ou seja, ao mundo do trabalho cada vez mais cedo, os velhos “*rejuvenescem*” física e socialmente a fim de não deixarem de participar desta sociedade de consumo.

Na verdade, falar sobre a velhice num país que fundamentalmente privilegia os jovens e os brancos não é uma tarefa nada fácil. A repulsa ou a aceitação da velhice varia de acordo com o contexto em que está inserida, bem como com a visão de mundo dos sujeitos e das culturas instaladas no convívio social. O tratamento que a sociedade dispensa à velhice desvela *o sentido ou o contra sentido de toda a vida interior desta sociedade* (BEAUVOIR, 1990, p.14). O fato de associar a velhice aos desgastes, às doenças e às disfunções e incapacidades descaracteriza o espaço social dos idosos o que respeitosa e deveria ser preservado. É preciso entender que a qualidade de vida e a velhice bem-sucedida requerem uma ampla compreensão e adequação de um conjunto de fatores que compõe o processo de envelhecimento saudável. Não só o processo de produção aliena o corpo, mas também o processo de consumo. A transformação da experiência do corpo através do mercado é evidenciada quando, durante o capitalismo de produção, o corpo entra no mercado como força de trabalho e, atualmente, também como força de consumo.

Bosi (1994, p.77, p.83), tratando da segregação social dos sujeitos envelhecidos, leva todos a acreditar que *a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa*. Sua função social de lembrar e aconselhar é desprezada e usurpada pela sociedade que regula e mantém a produção seletiva. Por outro lado, *a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual*.

O homem contemporâneo é direcionado pelo consumo e o velho entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido. O consumo passa a ser pensado como atividade que provoca prazer e os sujeitos passam a seguir mais o discurso da sociedade com seus determinismos culturais do que os interesses e necessidades próprias. A esse respeito Villaça (1999, p.76) afirma que a vasta utilização de recursos tecnológicos disponíveis na atualidade aumenta a polarização e o distanciamento entre os indivíduos tornados desvalidos pelo próprio processo moderno de individualização e privatização. Segundo a autora, os velhos que se agrupam sob a etiqueta da *Terceira Idade são os que, embora não mais ativos, dispõem de renda para serem consumidores, atores sociais*.

Ao contrário, os que não são produtores e os inúteis como consumidores são pessoas que a economia, com sua lógica de suscitar e satisfazer necessidades, dispensa.

Alain Touraine (1998, p.78) sugere a compreensão do sujeito contemporâneo a partir do seu desempenho na sociedade como ator social, em constante negociação entre as heranças pessoais, familiares, religiosas e étnicas. O sujeito, para ele, é a combinação de atividade racional, identidade cultural e pessoal, não sendo mais o sujeito universalista. O sujeito passa, nessa perspectiva, a ser entendido, não na visão particular, individualista ou de isolamento, nem como campo para a sujeição às regras ditadas pela cultura de massa, nem comunitarismo e descaracterização global, nem razão instrumental ou cultura unitária. Villaça (1999) acrescenta se referindo aos velhos: *Nesse movimento de subjetivação necessitam-se manter os velhos e daí a importância de um trânsito social o mais liberado e a luta por sua atuação fora do protecionismo de poder hegemônico ou do comunitarismo e de qualquer tipo de isolacionismo e diferença.*

Hoje se encontram nos shopping centers várias lojas especializadas em roupas de crianças, objetos para quartos de crianças, músicas para crianças, etc. Além disso, existe toda uma mídia que investe em divulgar uma grande variedade de serviços nas áreas de cultura, educação e lazer, voltados para o tema da infância. Também para os velhos o mercado começa a se abrir. São produtos, espaços de lazer, turismo, educação etc, que se mostram interessados neste novo grupo potencialmente consumidor: os velhos.

Para Debert (1998), afirmar que as categorias de idade são construções culturais que mudam historicamente, não significa dizer que elas não tenham efetividade. Estas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios.

Segundo Ariès (1981) a categoria velhice é uma criação cultural que pode encobrir significados diversos de acordo com a conveniência social. Assim, as próprias sociedades criam por meio de mecanismos de produção de imagens representações de si mesmas buscando formar núcleos unitários, com valores comuns favorecendo, dessa forma, a instalação do poder, da dominação. Na medida em que o poder está disseminado por toda a estrutura social, as organizações sociais e culturais se encarregam de privilegiar certas idades como as desejáveis para todo o sistema.

A partir da formulação teórica apresentada indagamos: o que crianças brasileiras pensam a respeito de velhos brasileiros? Há que se investigar esta questão mediante o reconhecimento da separação entre o EU e o OUTRO, respeitando as opiniões e diferenças, para que possamos lutar por um espaço mais plural e mais universal da humanidade.

MÉTODOS

O objetivo deste estudo foi descrever e comparar as crenças que crianças

“As categorias de idade são construções culturais que mudam historicamente, não significa dizer que elas não tenham efetividade. Estas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios.”





“O que significa ter que se adequar a normas bastante precisas. Em cada idade “podemos” ou não, “devemos” ou não fazer uma série de coisas.”.

de duas cidades do interior do Estado de São Paulo e de Minas Gerais têm em relação aos idosos. Para a realização do mesmo, optou-se, por trabalhar com o método comparativo, valorizando e respeitando seu procedimento científico. Esse tipo de pesquisa possibilitou uma incursão teórica apropriada para a análise inicial do problema, sem, contudo, permitir um elevado grau de generalização dos resultados.

Para colhermos os dados necessários utilizamos um instrumento para medir as crenças das crianças em relação aos idosos. As instituições e as crianças selecionadas para a pesquisa obedeceram alguns critérios básicos como: terem idade semelhante (de 7 a 10 anos), pertencerem a escolas públicas, estarem cursando a segunda série do ensino fundamental e a participação espontânea na atividade. Na seleção das escolas optamos por uma que está localizada no interior de São Paulo (Atibaia) e outra no interior de Minas Gerais, no Triângulo Mineiro (Uberlândia). A pesquisa comparativa se concretizou com 100 crianças, sendo 49 meninas e 51 meninos de ambas as escolas. Os dados foram coletados em situação de grupo, em ambiente de sala de aula. Só se poderia escolher uma resposta por coluna, assinalando com um “x” o parêntese correspondente à sua crença.

Maiores esclarecimentos sobre o instrumento utilizado podem ser verificados nas referências que situam a sua elaboração inicial. Em 1986, Néri publicou os resultados da validação lingüística do Inventário Sheppard para medida de atitudes. Esse instrumento foi depois usado em outras pesquisas, que permitiram à autora derivar outra estrutura fatorial. Com isso, a escala foi remodelada em torno de quatro domínios conceituais, pelos quais se distribuem 30 adjetivos bipolares, ancorados por uma escala de cinco pontos (NÉRI; CACHIONI; RESENDE, 2002).

Para a realização dessa pesquisa o instrumento para avaliar as crenças em relação à velhice foi adaptado da Escala Neri por Todaro, em 1999, no NEAPE (Núcleo de Pesquisas Avançadas em Psicologia do Envelhecimento – UNICAMP),

onde os pesquisadores têm trabalhado sistematicamente numa perspectiva que contempla a variabilidade e a multidimensionalidade dos fenômenos velhice e envelhecimento. A intenção da adaptação foi construir com as crianças termos mais próximos de seu vocabulário e diminuir sua extensão. Esta pesquisa comparativa serviu como projeto piloto para testar a aplicabilidade do instrumento. Pretende-se continuar testando-o em outras pesquisas para detectar suas falhas, aprimorá-lo e por fim validá-lo junto à defesa de doutorado de uma das autoras. A seguir, descreveremos o instrumento.

De acordo com o conceito “*os velhos são*” compreendendo os domínios da cognição, da autonomia, do relacionamento e da imagem social; e contendo treze itens com adjetivos bipolares, esse instrumento se estrutura de forma clara e de fácil interpretação. No enunciado do instrumento aplicado explicou-se o motivo da pesquisa bem como a forma de preenchê-lo, deixando claro que cada item teria apenas uma resposta a ser assinalada nos parênteses.

TABELA 1
INVENTÁRIO TODARO PARA AVALIAÇÃO DE CRENÇAS
EM RELAÇÃO AOS VELHOS

OS VELHOS SÃO:			
SABIDOS	()	BOBOS	()
BEM HUMORADOS	()	MAL HUMORADOS	()
DESCONFIADOS	()	CONFIANTES	()
ALEGRES	()	TRISTES	()
LEGAIS	()	CHATOS	()
DOENTES	()	SAUDÁVEIS	()
ATIVOS	()	PARADOS	()
DEPENDENTES	()	INDEPENDENTES	()
CLAROS	()	CONFUSOS	()
INSEGUROS	()	SEGUROS	()
RÁPIDOS	()	LENTOS	()
DISTRAÍDOS	()	ATENTOS	()
CRATIVOS	()	SEM CRIATIVIDADE	()

- As categorias *sabidos-bobos; claros-confusos, inseguros-seguros, rápidos-lentos, criativos-sem criatividade*, dizem respeito ao domínio cognitivo.

- As categorias *alegres-tristes, doentes-saudáveis, ativos-parados, dependentes-independentes*, referem-se ao domínio agência.

- As categorias *bem humorados-mal humorados e desconfiados-confiantes* cobrem aspectos que se refletem no domínio relacionamento social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos resultados a que pudemos chegar, os dados revelaram as crenças dos informantes em relação aos velhos e estão apresentados na tabela de acordo com as respostas excludentes do grupo total de sujeitos (50 de Atibaia e 50 de

TABELA 2 – RESULTADOS

	Resultados parciais		Resultado Global
	Atibaia (SP)	Uberlândia (MG)	
Sabidos	94%	98%	96%
Bem humorados	82%	88%	85%
Confiantes	76%	50%	63%
Alegres	90%	88%	89%
Legais	84%	96%	90%
Saudáveis	78%	50%	64%
Ativos	66%	68%	67%
Independentes	52%	42%	47%
Claros	68%	68%	68%
Seguros	84%	52%	66%
Lentos	58%	44%	51%
Atentos	80%	72%	81%
Criativos	78%	82%	80%

Os dados coletados contrariam o senso comum segundo o qual predominam atitudes negativas em relação aos idosos na sociedade brasileira de modo geral. Analisando-os, vemos que, nas duas cidades, a categoria “sabidos”, apresenta a maior pontuação (acima de 94%), o que nos leva a pensar no binômio velhice/sabedoria tão veiculado entre as crianças, principalmente pelos meios simbólicos onde os velhos são apresentados como detentores de toda uma sabedoria que os distancia da realidade.

O acolhimento da sabedoria dos mais velhos pelas crianças se dá em função do status especial que a própria posição lhe confere, ou seja, o idoso perante as crianças torna-se um conhecedor do que faz, um líder, capaz de tudo resolver pelas experiências acumuladas. Para as crianças o perfil identitário dos mais velhos se dá na condição de avós e estes, pelo descompromisso educacional, econômico e/ou social conseguem satisfazer as necessidades e desejos do pulsar

infantil, condição básica para ser aceito e reconhecido.

As categorias “bem humorados”, “alegres” e “legais” podem ser agrupadas, pois pontuam acima de 80% nas duas realidades desse estudo, corroborando com a imagem dos velhos benevolentes e sorridentes apresentados também nos meios simbólicos. Nesse caso, as crianças, com seu ideário infantil contraria o que Bosi (1994), enfatiza quando se refere aos significados construídos na contemporaneidade, que decisivamente nega o passado, as lembranças transmutadas em sabedoria e a memória histórica e viva de uma geração.

O perfil identitário dos sujeitos do envelhecimento é uma produção ideológica da sociedade e estes precisam necessariamente satisfazer as exigências do outro para poder ter convivência comum. Daí surgirem imagens positivas sobre a velhice associadas a comportamentos simpáticos, estáveis, bem humorados, espontâneos, alegres, etc., uma verdadeira máscara que a todos agrada.

As representações da velhice nestas categorias não levam em consideração a singularidade de cada sujeito. Se as velhices são inúmeras, portanto, não podemos abordá-la de forma igualitária, tendo em vista as perdas, a segregação, a discriminação, os estereótipos, as privações a que são sumariamente submetidos.

Diferenças significativas aparecem nas categorias “confiantes”, “saudáveis” e “seguros”, já que apresentam queda nas pontuações relativas às duas realidades estudadas. De forma geral, sobre estas categorias decresce a concepção positiva da velhice tendo em vista a aparência, a destreza, a mobilidade, a velocidade de reação, o que de certa forma está visível no corpo envelhecido. Infelizmente, o corpo que hoje predomina na sociedade capitalista deixou de ter caráter saudável para dar lugar aos modelos corporais, fundamentado em parâmetros juvenis. E, nesses modelos parece não haver espaço para o corpo envelhecido. Entretanto, se a velhice for encarada como um todo, ela poderá ser vista como uma fase com potencial para crescimento, à semelhança das demais fases do curso de vida.

Dessa maneira, o idoso cujo corpo não se inclui nos parâmetros de beleza e eficácia, tem seus anseios anulados, fragilizando-se cada vez mais ao envelhecer porque para os fracos não há lugar na sociedade da produção, nada mais sendo possível para eles. Não lhes é permitido errar, nem ter defeitos. Mas, a sociedade esquece que o jovem fugaz de hoje, que impossibilita a velhice de ser ela mesma com todas as particularidades a ela inerentes, atingirá maioria em poucas décadas e se tornará velho. E possivelmente sofrerá de estigmas e estereótipos clássicos veiculados socialmente como é o caso das categorias confiantes, saudáveis e seguros.

Também uma pequena diferença aparece nas categorias “independente” e “lentos”, o que nos faz supor que essas alterações talvez estejam ligadas ao referencial individual de imagem, advindo do relacionamento com os avós ou velhos, próximos ao cotidiano dessas crianças. As alterações físicas, mais que as psicológicas e emocionais, são evidenciadas a priori por todos e, mais especificamente, pelas crianças num convívio mais próximo. A princípio é o que realmente ocorre, pois as alterações são mais visíveis na aparência que na essência. Esse mecanismo pode ser explicado facilmente quando entendemos que as mutações

de ordem biológica, verificáveis no declínio do organismo humano decorrem, fundamentalmente, do processo de senescência, responsável por perdas orgânicas e funcionais.

Entretanto, um organismo pode também decair em sua força e função por moléstias, por utilização inadequada de medicamentos ou mesmo por má nutrição. Assim, nas considerações sobre o decréscimo funcional do organismo humano, devem-se introduzir questões que estabeleçam e distingam condições naturais e condições patológicas do processo, a fim de se conhecerem as reduções irreversíveis e as que podem ser evitadas. Dessas experiências surgem imagens pouco positivas em relação ao desempenho físico, emocional e social dos mais velhos.

Outras categorias mantiveram seus escores, nas duas realidades: “criativos”, “atentos”, “claros” e “ativos”. Nessas categorias a relação de socialização se torna expressiva tendo em vista a maior disponibilidade dos velhos às brincadeiras e jogos propostos pelas crianças.

O desempenho, entusiasmo e dinamicidade dos avós nas atividades propostas contrastam com a inoperância e a indiferença dos adultos. Essa defasagem, embora preocupante, é justificada apenas em termos numéricos, pela necessidade dos mesmos se ausentarem em função de seus compromissos sociais, como o trabalho, por exemplo. Portanto, a relação intergeracional com os avós determina circunstâncias em que os velhos são criativos, atentos, claros e ativos, ou seja, está diretamente relacionado ao estilo de vida implementado por cada um dos sujeitos do processo.

CONCLUSÃO

Falar sobre a velhice, este fenômeno ilimitadamente complexo, no novo século e no novo milênio é, no mínimo uma tarefa simbolicamente desafiadora. E desvendar os mistérios impregnados no processo de envelhecimento torna-se um desafio porque o século XX foi um período, no qual novos valores e significados foram evidenciados para o corpo, inclusive e sobretudo, no Brasil - um país tropical como este, que valoriza os contornos e a sensualidade, não perderia as chances de vender imagens jovens de saúde e beleza.

Nenhum período anterior trouxe tantas revoluções no campo das relações de produção, assim como conflitos políticos, étnicos e religiosos e de minorias sociais, como é o caso dos sujeitos do processo de envelhecimento.

Os idosos aceleradamente invadem o contingente populacional transformando o país, que até poucas décadas era considerado jovem, em um país reconhecidamente envelhecido. Porém, apesar das inúmeras transformações culturais e do desenvolvimento técnico, a qualidade de vida não pôde ser garantida à população de mais idade. A tendência atual, verificada nas pontuações culturais impregnadas nos estímulos midiáticos convoca todos os indivíduos a pensarem sobre o fenômeno velhice.

Desvendar os olhos para detidamente observar o fenômeno do envelhecimento e as crenças que o acompanham é tentar desvelar um objeto de estudo complexo. Olhar a velhice é olhar o expressivo, a dinâmica, a fala oculta do corpo, sempre carregada de intencionalidade. É abrir espaços para que o sensível flua naturalmente acompanhando a dinâmica da vida. É aceitar o amplo campo de significações e significados que acompanham o ser-no-mundo, pois o homem e a mulher (velhos ou não) estão sempre na sua temporalidade e na espacialidade própria de sua existência.

Diante do exposto podemos concluir que com esta pequena amostra de crianças é possível admitir que, na sua maioria, elas têm uma imagem positiva dos velhos, independentemente das variáveis: idade, gênero ou cidade onde moram. De acordo com os relatos dos informantes manifestados durante a aplicação do instrumento da pesquisa pudemos resgatar ideários do pensamento infantil relacionando a visão prospectiva da velhice a imagens criadas ou vivenciadas com seus avós e bisavós, ou mesmo aquelas retratadas nos meios simbólicos (livros didáticos, literatura infantil, televisão, etc.).

Parece-nos oportuno afirmar que a imagem que os idosos passam para as crianças é de uma velhice experiente e cheia de relatos positivos para relacionamentos respeitosos e atenciosos. Porém devemos nos questionar se isso reflete a realidade ou apenas mascara uma visão estereotipada como a das imagens veiculadas nos meios simbólicos.

Como são poucos os dados nacionais relativos a este tema, sugere-se que outras experiências sejam realizadas no sentido de se confirmar ou não estes resultados. Além disso, é nossa intenção num próximo estudo mais aprofundado sobre o tema, aperfeiçoar nosso instrumento de avaliação e comparar nossos resultados com as recentes pesquisas internacionais publicadas, por exemplo, no periódico *Educational Gerontology*, que apresenta pesquisas semelhantes, que também utilizam o método comparativo em países como Austrália, Canadá, Estados Unidos, entre outros.

Enfim, chegados a este ponto, parece-nos importante reafirmar que, após discutir questões relacionadas às crenças que as crianças de duas cidades brasileiras têm em relação aos velhos, hipóteses puderam ser confirmadas bem como outras puderam ser negadas, sem pretender esgotar o assunto. Deixamos nossas reflexões, fruto de vivências pessoais e de experiências profissionais na área da Educação, na esperança de que todas as etapas da vida sejam compreendidas.

“O acolhimento da sabedoria dos mais velhos pelas crianças se dá em função do status especial que a própria posição lhe confere, ou seja, o idoso perante as crianças torna-se um conhecedor do que faz, um líder, capaz de tudo resolver pelas experiências acumuladas.”

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. - *Centuries of childhood*. New York: Random House: Vintage Books., 1962.
- ARIÈS, P. - *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BEAUVOIR, S. - *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, E. - *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. - A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.
- COSTA, G. A. - *Atividade física, qualidade de vida e currículo: por uma velhice bem sucedida*. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.
- DEBERT, G. A - antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M.M.L. (Org.) *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GUSMÃO, N.M.M. - *Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas (no prelo).
- HADDAD, E. G. - *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.
- HOBSBAWN, E. (1991). Eric Hobsbawn y el conflicto étnico hacia el fin de milenio. Entrevista a Erradona, F. *Cuaderno del CLAEH*, Montevideo, ano 20, n.75 - 2ª série, p.7-14, 1996/97.
- LORET, C. - As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, J. ; LARA, N.P. (Orgs.). *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MOTTA, F. de M. - *Velha é a vovozinha: Identidade feminina velhice*. Santa Cruz: Vozes, 1995.
- NERI, A. *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas: Alínea, 2001.
- NERI; CACHIONI; RESENDE - *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- NOGUEIRA, E.J. - Atitudes em relação à velhice. *Análise de conteúdo de textos de literatura infantil brasileira*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1992.
- PLUMB, J.H. - The great change in children. *Horizon*, vol.13, nº 1, 1971.
- PY. L. - *Testemunhas vivas de história*. Rio de Janeiro: NAU, 1999.
- RODRIGUES, J.C. - A infância e o poder. In: *Ensaios em antropologia do poder*. Rio de Janeiro: Terra Nova, 1992.
- TOURAINÉ, A. - *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VILLAÇA, N. Góes - *Em pauta: Corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad: CNPq, 1999.





“A estigmatização de uma geração para com a outra se transformou num conflito silencioso, categorizando os idosos como inúteis e os adolescentes como desapegados e irresponsáveis, formando um bloqueio intergeracional e fortalecendo o fechamento dos grupos etários. Ainda que estes sejam significativos para o próprio desenvolvimento em determinados momentos, são, porém, alienantes enquanto postura definitiva”.

O Serviço Social e a Interação entre Adolescentes e Idosos

INTRODUÇÃO

Diante da atual conjuntura de mundo globalizado, revolução tecnológica e período de transição, fatores que implica em sentimentos de desconforto, buscas de novos rumos e relações, o nosso olhar se volta para dois segmentos: idosos e adolescentes, com vistas a uma interação além do âmbito familiar.

Consideramos que ambas as gerações se agrupam segundo características de suas faixas etárias: os idosos buscando um significado para suas vidas, visto que perderam sua força de trabalho e quando tem aposentadoria, esta não atende às suas necessidades básicas; os adolescentes, buscando sua força de trabalho diante da questão do desemprego e um mercado cada vez mais exigente.

Por outro lado, a estigmatização de uma geração para com a outra se transformou num conflito silencioso, categorizando os idosos como inúteis e os adolescentes como desapegados e irresponsáveis, formando um bloqueio intergeracional e fortalecendo o fechamento

**MARIA JOSÉ
SILVEIRA CIN-
TRA RODRI-
GUES**

*Assistente Social.
Elaborou e desenvolveu
esta pesquisa em 2002,
enquanto estagiária
de Serviço Social e
membro da Seção
de Atenção ao Idoso
da Secretaria de
Assistência Social
e Habitação da
Prefeitura Municipal de
Valinhos-SP, de 05/99
a 06/2003. Voluntária
na implantação e
desenvolvimento dos
projetos “Grupo Nós”
e “Centro Dia para
Idosos”.
E-mail: mjscintra@
ig.com.br*

dos grupos etários. Ainda que estes sejam significativos para o próprio desenvolvimento em determinados momentos porém, alienantes enquanto postura definitiva.

Neste cenário os programas da terceira idade buscam atender aos idosos nas suas necessidades essenciais de resgate de seus próprios valores e transformando conceitos que não mais atendem às exigências atuais que clamam por idosos autônomos e atuantes. Deste trabalho resultou o idoso conhecedor de sua sabedoria de vida, fato, porém, que nos leva a um questionamento inquietante: qual o real valor desta conquista encerrada no próprio segmento?

Num outro cenário, os adolescentes da era da tecnologia, da globalização, demonstram suas dificuldades de relacionamentos no convívio social e familiar, estão voltados para o mundo virtual e nos levam a questionar: é neste mundo isolado e frio que estão seus sonhos?

Com estes pensamentos, esta pesquisa se desenvolveu com objetivo de investigar tais gerações: conhecer o conceito que as duas gerações fazem de si mesma e do olhar de uma para outra; explicitar o pensamento de ambas as gerações a respeito de possíveis intercâmbios de conhecimento, saber das reais possibilidades de se transpor às barreiras estabelecidas.

O universo da pesquisa se limitou a idosos e adolescentes motivados, pois estes tendem a responder mais espontaneamente à pesquisa. A amostra se circunscreveu a idosos acima de 60 anos de idade a adolescentes entre 15 e 17 anos de idade.

Utilizamos os métodos qualitativo e comparativo, apresentando a análise por categorias, ilustradas por quadros comparativos. Concluímos que o resultado desta pesquisa atingiu o objetivo a que propôs e contemplou este trabalho com novas perspectivas, decorrentes da abertura que se estabeleceu durante as entrevistas.

Elaboramos um painel teórico para elucidar os dados e fundamentar a pesquisa, que nasceu de uma observação pessoal sobre os dois segmentos, suas dificuldades, facilidades e do quanto um sujeito contribuiria com o outro minimizando as suas dificuldades e otimizando as relações.

Nesta fase do nosso processo histórico e cultural vivemos e convivemos paradoxalmente em busca de um caminho que nos conduza a melhores relações sociais, diante de um antagonismo gerador de muitos conflitos, na expectativa de uma boa síntese que abarque a velhice bem-sucedida num processo ensino/aprendizagem para todas as gerações.

CENÁRIO TEÓRICO

No momento de transição em que estamos vivendo abordamos estas teorias não para uma análise, mas sim, para um entendimento do quanto somos vulneráveis às forças inerentes a qualquer Sistema e o que isto implica nas nossas relações pessoais, familiares e na sociedade em que vivemos, assim como no processo de envelhecimento.

Conjuntura

“Toda conjuntura expressa, de algum modo, a combinação de elementos objetivos e subjetivos, a (des) integração entre passado e futuro, as sínteses e dissipações entre teoria e prática, utopia e ideologia, Nos diversos planos (internacional, nacional, regional, municipal), ela reflete o que se passa, considerando as ações e relações dos sujeitos individuais e coletivos, das organizações privadas e públicas, dos Estados-nação, dos movimentos sociais, envolvidos com a dominação ou com a emancipação. A conjuntura resulta de recortes que se fazem no tempo e no espaço e que acontecem em todos os campos constitutivos intra e inter-sociedades. Ela pode caracterizar a realidade como uma fotografia, um holograma, uma correlação de forças, uma ênfase em momentos de ruptura ou de continuidade. Mas sempre deve estar integrada com a análise dos vínculos que mantém com os processos e estruturas fundamentais; caso contrário, apenas pode ser identificada com coisas passageiras, modismos irrelevantes, fatos corriqueiros, momentos fugazes”. (Wanderley, 2001).

Este autor desenvolve uma análise conjuntural a respeito de desafios e perspectivas e nos remete a uma reflexão acerca da co-responsabilidade e do protagonismo da nossa história. Com a frase *“o neoliberalismo seria a ideologia da globalização e o capitalismo a sua ordem”* destacamos as forças concorrentes deste processo histórico:

- Hegemonia norte-americana X Tendência em outra direção.
- Produção capitalista dominante X Divisão social do trabalho.
- Maior proximidade entre os povos X Racismo, Fundamentalismo, Nacionalismo.
- Global X Local.
- Dominados X Dominantes.
- Fórum Social X Fórum Econômico.
- Poder X Religião.
- Situação dramática das migrações internacionais.
- Dívida externa.
- Reprofissionalização do trabalho.
- Ciberespaço, Internet, net-cidadania.
- Educação X Educação para o século XXI

Estamos, portanto, convivendo no embate de velhos e novos paradigmas, pré-conceitos, conceitos e re-conceituações, concomitantemente, numa relação dialética, sob forte influência destas pontuações e convocados a refletir e agir à luz de nossos melhores valores, sob a ótica da coletividade, norteados pelo desejo de melhor qualidade de vida.

“O universo da pesquisa se limitou a idosos e adolescentes motivados, pois estes tendem a responder mais espontaneamente à pesquisa.”



“A violência é a supressão da razão como capacidade construtiva e também é sinônimo de impotência. O poder é sinônimo de potência, de capacidade de construção. O Estado legisla sobre o uso do poder numa visão restrita e é violento: ao ampliar esta visão, numa ótica democrática, poderemos desativar o mecanismo da violência”.

VIOLÊNCIA

Abordamos a violência devido à influência relevante no comportamento e no processo de envelhecimento, no que diz respeito à velhice bem-sucedida.

Segundo Andréa Damacema e Edy Aruaná, respectivamente cientistas social e política, em sua pesquisa sobre violência no Brasil, chamaram-na de *“violência naturalizada”* (do Brasil Colônia) *“por ser identificada com as relações patriarcais vigentes no âmbito familiar, com as relações de trabalho de tipo rigidamente classista-hierárquico e/ou racista e sexista, com estruturas estatais e poder político, com relações sociais de inclusão/exclusão”*.

Esta violência não é percebida como tal e, portanto negligenciada, porém, está aí a sua raiz, hoje instalada de forma ameaçadora, ditando regras e tirando os direitos como o de ir e vir. As autoras refletem sobre a relação de poder e violência com o objetivo de desativar o seu mecanismo gerador. A violência é a supressão da razão como capacidade construtiva e também é sinônimo de impotência. O poder é sinônimo de potência, de capacidade de construção. O Estado legisla sobre o uso do poder numa visão restrita e é violento: ao ampliar esta visão, numa ótica democrática, poderemos desativar o mecanismo da violência.

Em relação à razão e emoção, no pensamento ocidental, o homem é um ser racional, não cabendo, portanto, o descontrole; não há espaço cultural para as emoções. Porém, o homem é um ser racional e emocional e, portanto, a repressão da emoção gera atos violentos. A raiva ou qualquer outro sentimento deslocava-se para a violência em qualquer momento.

Outra relação é com o poder econômico como sendo uma questão infra-estrutural: todo ato violento contém mediações culturais e materiais.

As relações sociais são regidas por um duplo código: relações formais, que é a lei e as relações informais decorrentes de um código racional que dizem respeito aos costumes e cuja raiz está no compadrio. Estas duas relações geram uma pressão invisível nas relações sociais e mantém a sociedade dividida: inclusos e excluídos.

Neste caos estabelecido e hoje discernido, a política clama por um tratamento igualitário que envolva as relações de respeito às diferenças, frente à mentalidade do autoritarismo que emperra a equidade social.

Nesta efervescência social, as Organizações Não-Governamentais e as Igrejas vêm em socorro da sociedade buscando alternativas para desativar os mecanismos que geram a violência num trabalho de conscientização política frente à estrutura estabelecida.

Insegurança e medo

O medo não está condicionado apenas ao crescimento dos índices de criminalidade que permeiam a sociedade brasileira e o grau de perversidade que alguns crimes apresentam, mas também é consequência de uma insegurança gerada por uma desorganização social política e econômica.

“A mesma insegurança assume o valor de ameaça global ao modo de vida, ao lugar conquistado na sociedade, ao status e aos privilégios de que se goza. Assim como abandonar o espaço público (condomínio, ruas e inteiros bairros fechados, shopping center vigiados, transporte e área de lazer exclusivamente, etc.) num paradoxo à expansão dos direitos. A sensação de segurança não depende tanto da ausência do crime, mas da distância social. A sensação genérica de medo é infinitamente maior do que o medo de tornar-se concretamente vítima de uma ação criminosa. Parece que o medo da criminalidade não decorre da experiência real vivida” (ANDREA,2001)

Acrescenta ainda que o medo se associa à criminalidade por uma via simbólica, fortalecida pela mídia, e afirma que o medo surge da desorganização social, alienação e isolamento. *“O que significa que os dois problemas – criminalidade e medo - não se condicionam reciprocamente”*. Para reverter esta sensação são necessárias políticas específicas, de estratégias complexas, sem prescindir de um controle da criminalidade. A luta se trava em nível material e ideal, envolve a ampliação da comunicação entre ambientes estranhos, a luta contra a estigmatização (pobre, negro, ladrão), a construção de espaços abertos comuns, a redução dos espaços exclusivos, etc. A função da mídia é determinante nesse campo, assim como as políticas sociais e culturais e o papel das administrações municipais e das diversas organizações e movimentos presentes na sociedade civil.

A resposta ao problema da criminalidade e do medo poderá ser efetiva se os cidadãos deixarem de ser espectadores para serem atores.

O desenvolvimento na perspectiva do Curso de Vida

Segundo Paul Baltes, a psicologia do desenvolvimento se pautou em pesquisas direcionadas à infância através da psicologia infantil. Nos anos 70, a ênfase da psicologia do desenvolvimento sofreu uma transformação a partir da emergência da perspectiva do curso de vida por conta de duas fontes de interesse: a curiosidade da psicologia infantil relativa à repercussão da infância sobre o desenvolvimento posterior nas áreas da saúde mental, da vida familiar e das carreiras ocupacionais; por outro lado, os pesquisadores da vida adulta e velhice passaram a estender o âmbito de seus conceitos e investigações propondo questões acerca dos precursores da velhice ao longo do curso de vida, sobre o que pode facilitar ou dificultar uma velhice bem sucedida. Destas duas correntes resultou uma nova área na psicologia do desenvolvimento, a psicologia de curso de vida.

Cada período etário comporta cenários e agendas de desenvolvimento peculiares. Além disso, ao se considerar o desenvolvimento na perspectiva de curso de vida descobrem-se interconexões entre sistemas de pessoas em

desenvolvimento, composto por crianças, pais, avós, parentes e amigos em interação.

A psicologia do desenvolvimento atrai a atenção de outros setores da psicologia e prevê novos “insight” sobre os princípios que regem o comportamento e sobre a dinâmica da vida e se contrapõe à história da psicologia do envelhecimento que deu atenção predominante às perdas associadas às idades.

A psicologia do desenvolvimento na perspectiva do curso de vida preconiza a capacidade inerente ao ser humano de desenvolver o seu potencial, numa relação de construção inter e intra-relacional em qualquer fase de sua vida, numa interdependência individual e social, ou seja, do indivíduo e seu contexto; do indivíduo enquanto um ser bio/psico/social e do contexto enquanto mecanismo estrutural que abarca as políticas da saúde, educação, habitação, esporte, lazer e direito.

“Neste caos estabelecido e hoje discernido, a política clama por um tratamento igualitário que envolva as relações de respeito às diferenças, frente à mentalidade do autoritarismo que emperra a equidade social.”.

PROPOSIÇÕES DA TEORIA DO CURSO DE VIDA SOBRE O ENVELHECIMENTO

- O desenvolvimento ontogenético estende-se por todo o curso de vida, envolvendo tanto processos de mudança de origem genética como outros que se iniciam em outros momentos do curso de vida.

- Nenhum período do curso de vida tem supremacia na regulação da natureza do desenvolvimento.

- Desenvolvimento é um processo multidirecional, isto é, não caracterizado por processos isolados de crescimento e declínio, dependendo da fase do curso de vida. Existe considerável sobreposição entre os vários aspectos do desenvolvimento, que se dão em ritmos diferentes, num mesmo período do curso de vida.

- Num mesmo momento do desenvolvimento as mudanças podem assumir múltiplas direções, inclusive crescimento num dado domínio e declínio em outro.

- Desenvolvimento envolve equilíbrio constante entre ganhos e perdas, e significa mudança adaptativa constante.

- A proporcionalidade entre os ganhos e as perdas no desenvolvimento sofre alterações ao longo do curso de vida: na infância preponderam ganhos e na velhice, perdas.

- Existe considerável variabilidade intra-individual no desenvolvimento e em suas potencialidades e limites para diferentes formas de comportamento e desenvolvimento.

- Desenvolvimento e plasticidade individual quanto ao desenvolvimento

dependem das condições histórico-cultural existentes durante um dado período coincidente com o curso de vida das pessoas, grupos etários e gerações. A natureza das condições e o ritmo das transformações afetam o desenvolvimento dos indivíduos e grupos etários.

- Os cursos de vida individuais resultam da interação dialética entre três sistemas de influência: o de gradação por idade, os provenientes do contexto histórico e os eventos não-normativos. O sistema de gradação por idade é presidido por processos de maturação biológica e de socialização. Eventos não-normativos do desenvolvimento são aqueles que não ocorrem nas épocas, na seqüência ou no ritmo esperados para a maioria dos indivíduos, quer em virtude de influências biológicas quer em virtudes de eventos sociais e culturais. Eventos não normativos tendem a ser experienciados como crise.

- Como o desenvolvimento humano é um evento multideterminado e multifacetado, é importante levar em conta o conhecimento derivado de várias disciplinas e a integração de suas contribuições. A biologia, a antropologia e a sociologia representam partes substanciais dessa contribuição. NERI (1995, p. 33).

Velhice bem-sucedida

A literatura gerontológica internacional vem dando importância crescente à compreensão do significado de uma bem-sucedida velhice, definida como:

“uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes no ambiente em que o indivíduo envelhece, e às circunstâncias de sua história pessoal e de seu grupo etário.(...)preserva o potencial individual para o desenvolvimento, respeitados os limites da plasticidade de cada um.” (NERI,1995, p. 34).

VELHICE BEM-SUCEDIDA NUMA PERSPECTIVA DE CURSO DE VIDA

- Existem diferenças substanciais entre velhice *normal* (ausência de patologias biológicas e psicológicas), *ótima* (referente a algum critério ideal de

**“O envelhecimento é uma experiência heterogênea,
depende de como cada pessoa organiza seu curso de vida,
a partir de suas circunstâncias histórico-culturais,
da incidência de diferentes patologias durante o envelhecimento normal e
da interação entre fatores genéticos e ambientais.”**

bem-estar pessoal e social) e *patológica* (presença de síndromes típicas da velhice e/ou de doenças crônicas).

- O envelhecimento é uma experiência heterogênea, depende de como cada pessoa organiza seu curso de vida, a partir de suas circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o envelhecimento normal e da interação entre fatores genéticos e ambientais.

- Na velhice fica resguardado o potencial de desenvolvimento, dentro dos limites da plasticidade individual.

- Os prejuízos do desenvolvimento podem ser minimizados pela ativação das capacidades de reserva para o desenvolvimento, dentro dos limites da plasticidade individual.

- As perdas na mecânica do funcionamento intelectual podem ser compensadas por ganhos na pragmática.

- Com o envelhecimento, o equilíbrio entre ganhos e perdas torna-se menos positivo.

- Os mecanismos de auto-regulação da personalidade mantêm-se intactos em idade avançada. (NERI,1995)

Plasticidade e Resiliência

A plasticidade é um dos fatores importantes no enfoque do curso de vida no que diz respeito a alcance e limites:

“O curso do desenvolvimento psicológico não é predominado nem no âmbito de cada domínio em particular, nem no âmbito geral. Ao contrário, inclui componentes fixos e variáveis. Os componentes variáveis referem-se às diferenças interindividuais, na modificabilidade intra-individual, nas diferenças transculturais e na relatividade histórica”. (DUNN,1965; LERNER, 1984; NERI,1995)

O mesmo conceito vale para o comportamento genético, ou seja, é de propriedade de cada pessoa, indica o potencial de mudança de cada indivíduo e de sua flexibilidade e resistência para lidar com desafios e exigências. O teor de plasticidade se relaciona com a capacidade de reserva de cada indivíduo, a qual é constituída pelos recursos internos (por exemplo, a capacidade cognitiva e saúde física) e pelos recursos externos (por exemplo, a rede social, o status econômico) disponíveis num dado momento. A capacidade de reserva refere-se aos fatores e recursos que promovem o crescimento para além do nível normal de funcionamento.

A plasticidade conjugada com a capacidade de reserva se traduz em resiliência que é, portanto, a otimização da adaptação em qualquer momento do curso de vida, considerando as generalizações positivas e negativas entre domínios de funcionamento e ao longo do tempo.

O significado

As atividades grupais com pessoas da própria geração *“favorecem o bem-estar do idoso porque facilitam a emergência de significados comuns e a maior*

aproximação interpessoal e permite a ocorrência de catarse”. (NERI,1993)

A mesma autora faz no mesmo livro afirmações acerca do significado e da importância de se experienciar este sentimento até mesmo porque a cultura ocidental privilegiou a significância do jovem em detrimento do idoso, fato tão expressivo no mercado de trabalho com o conseqüente sentimento de rejeição na vida do idoso.

As oportunidades oferecidas são norteadas por padrões de produtividade. O investimento no e para o idoso é subestimado, pois não se acredita na possibilidade de retorno. O estigma da idade limita as suas oportunidades de opção e de decisão por uma atividade.

A perda do significado traz para as pessoas tristes conseqüências emocionais, abalando suas condições físicas e mentais. O significado é subjetivo, é o precursor da auto-eficácia, auto-satisfação, auto-estima: revela-se na construção dos laços afetivos de boa qualidade e promove a barganha de um pacote de medicamentos para o equilíbrio da saúde emocional por um convívio significativo, conforme preconiza a gerontologia e várias áreas do saber e como também podemos constatar no convívio com idosos. O significado permeia o fazer e ser prazerosamente como um fator relevante, e nos remete a uma abordagem transcultural que tem no significado uma terceira ordem, inserida nas duas existentes. O significado é o ponto de interconexão entre Profano/Sagrado; é o jeito de nos posicionarmos, conscientemente, diante do que somos e fazemos.



“Tanto idosos quanto adolescentes revelam sua plasticidade e resiliência ao se adaptarem a seus contextos de perdas e ganhos e grande capacidade de reserva para superação de grandes perdas, como, por exemplo, o enlutamento e outros eventos da vida”.

A INTERAÇÃO ENTRE IDOSOS E ADOLESCENTES

Compuseram os sujeitos desta pesquisa, 11 idosos de 60 a 82 anos de idade, sendo 6 mulheres e 5 homens; e 12 adolescentes de 14 a 16 anos de idade, sendo 6 mulheres e 6 homens.

Os idosos são usuários do Programa da Terceira Idade, de Valinhos-SP, de diversos graus de escolaridade, desde semi-analfabetos a universitários, pessoas com graus e condições econômicas e culturais diversas.

Os adolescentes, da mesma cidade, estão cursando o ensino médio, em diversas escolas, públicas e particulares, configurando diversas situações sócio-econômicas e culturais. O perfil dos entrevistados não foi dado elaborado para a pesquisa, porém consideramos ser importante abordá-lo.

ANÁLISE DAS CATEGORIAS

QUADRO 1
VISÃO DE SI MESMO NA CONDIÇÃO
DE ADOLESCENTE E IDOSO.

Idosos	Adolescentes
<p>Definem esta faixa etária em que se encontram como um processo natural da vida. Sentem-se bem, estão orgulhosos da sabedoria acumulada, de sua performance em relação a atividades físicas, participação social e familiar.</p> <p>O conceito de velhice bem sucedida como um novo paradigma já está inserido no seu repertório pessoal. "Ser idoso não é ser uma pessoa velha como dizem, mas sim uma pessoa que registrou muitas datas, muitas experiências". "Não me sinto velha e sim uma pessoa que está realizando coisas que antes não existia na vida da gente... traz impulso, mais vida e felicidade."</p>	<p>Definem esta fase como normal e legal (o normal como sendo uma fase da vida, na qual se preparam para ser um adulto bem sucedido, e o legal se refere à sua autonomia de decisão sobre o que querem ser e sobre o que são e o que fazem).</p> <p>Reconhecem o "dever-ser" e também admitem a vulnerabilidade em que se encontram diante das ofertas do mundo e as opções que devem fazer, com vistas à sua formação pessoal e profissional. Ao mesmo tempo, preferem curtir esta fase boa da vida, também se preocupam com suas opções e lamentam o grande número de adolescentes que optam pela violência e pelo caminho das drogas.</p>

QUADRO 2

O OLHAR PARA A SUA PRÓPRIA

Idosos

Os idosos conhecem e desempenham o seu papel na família e na sociedade, atribuem isto à sua participação no programa terceira idade, ao desenvolvimento de seus próprios talentos. Lamentam pelos idosos que não tem a mesma oportunidade devido às seguintes situações: são abandonados pela família, estão presos em suas próprias amarras, não tem acesso às atividades a eles dirigidas.

Adolescentes

O adolescente é visto como irresponsável, mas a maioria quer transformar este conceito e quer começar primeiro consigo mesmo. Eles consideram a importância da família em suas vidas e dos valores nela contido, a presença dos pais e da comunicação entre eles. Com expressão de lamento se referem ao grande número de adolescentes dependentes químicos, atribuem este fato à falta de alicerce familiar e social.

QUADRO 3

O OLHAR DE UMA GERAÇÃO PARA A OUTRA

Idosos para Adolescentes

Os idosos têm o primeiro olhar, e que expressa tristeza, para os adolescentes desapegados; em seguida como “coitadinhos”: perdidos diante de tantas ofertas e do excesso de liberdade. Estão vivendo com dificuldade, desamparados pela família e sociedade. Mas não generalizam, também vêem os adolescentes que estão “no caminho certo” (e seus olhos brilham de alegria). Atribuem isto ao fato de terem pais presentes, que dão amor e orientação.

Adolescentes para Idosos

Vêem os idosos vivendo de acordo com o velho conceito de idoso e o conceito de idoso motivado, “o idoso está se superando a cada dia... ganhando espaço na sociedade” e também “são melhores que os adolescentes, estão vivendo bem preocupados com sua qualidade de vida, se cuidam”.

Lamentam pelos idosos abandonados pela família e pela sociedade e a desvalorização do idoso pelo mercado de trabalho.

QUADRO 4 PROJEÇÃO DE UMA GERAÇÃO

Idosos quando eram adolescentes

Os idosos se referem à sua adolescência como uma fase muito boa. Tinham suas tarefas definidas dentro e fora de casa, começaram a trabalhar cedo, aprenderam com a “lida da terra” o respeito com a natureza e com a vida. Ser alfabetizado era o suficiente. Não tinham liberdade de expressão, mas tinham excesso de liberdade de locomoção. As famílias eram numerosas; o namoro era com vistas a uma relação duradoura. Sentem saudade, mas não gostariam de voltar a esse tempo.

Adolescente como futuro idoso

Foi preciso estimular o pensamento da maioria para se criar essa imagem mental de futuro idoso. Os adolescentes que tem convívio com idosos motivados querem ser iguais a eles. Outros pensam que se eles cuidarem de seus familiares serão idosos bem cuidados. Outros sentem medo da solidão do idoso, do asilamento. Mas há os que pensam no asilamento como uma nova proposta de moradia, como uma boa solução para se evitar a solidão e poder contar com as visitas regulares da família.

QUADRO 5 CONTRIBUIÇÃO DE UMA GERAÇÃO PARA COM A OUTRA

Idosos

Eles gostariam de poder contribuir com sua formação pessoal e profissional. Partem do pressuposto de que a maioria dos adolescentes não tem uma boa formação, que sua única fonte é a TV e estão desperdiçando tudo que a natureza dá.

Consideram a dificuldade da proposta por conta da não aceitação dos adolescentes aos ensinamentos que partem dos mais velhos, “...cabe mais acolhimento para os adolescentes, tem muitos jovens bons, estudando, se formando... que beleza! O Brasil tem que dar mais apoio para esses jovens, para que eles não se percam no caminho.”

Adolescentes

Pensam que já contribuem pelo fato de tratá-los com respeito e reconhecerem nos idosos a sabedoria que a vida dá.

Reconhecem os espaços que lhe foram tirados no mundo do trabalho.

Os adolescentes já contribuem no âmbito familiar e social: com visitas sistemáticas aos idosos asilados, “eu vejo os idosos que os filhos deixaram eles lá e nunca mais foram visitar... então eu vou”, “vou escutar o que eles tem para falar pra mim” “motivar as pessoas a esquecerem a parte ruim... porque a vida continua, é uma fase... a depressão é que destrói, não é a vida”.

QUADRO N.º 6 PENSAMENTO E SUGESTÃO A RESPEITO DE UMA ATIVIDADE CONJUNTA

Idosos

Pensam que seria uma boa troca, pois tanto uma geração quanto a outra tem muito para aprender e ensinar e se conheceriam melhor.

“O idoso vai ficando muito precavido, então, aprenderia com a liberdade que o jovem tem de se expressar”, a dificuldade ficaria por conta do adolescente que não gosta de se relacionar com idosos.

Adolescentes

Pensam que seria legal e reconhecem que seria uma boa troca, decorrente da história de vida do idoso e expectativa de vida do adolescente. Levantam algumas dificuldades, principalmente, sobre o preconceito.

Os adolescentes sugeriram: “um debate sobre a vida”, “falar como era antigamente, isso é história”, além de propiciar um novo conceito entre ambos.

QUADRO N.º 7 VISÃO DE MUNDO

Idosos

O mundo é perfeito, as pessoas é que mudaram e construíram um mundo ruim, com violência. Reconhecem a inteligência do homem em construir ferramentas para facilitar a sua vida concomitante à sua capacidade de destruição e não-valorização dos avanços que facilitaram a sua jornada neste mundo. Atribuem a não valorização às facilidades de hoje e ao desconhecimento do processo evolutivo e à história de vida.

Adolescentes

O mundo é a nossa casa e está pedindo socorro, quer paz; contudo, o mundo é legal.

O mundo é o mesmo, o que mudou foram as pessoas que não valorizam a vida nem a natureza.

Têm perspectivas de transformação para um mundo melhor que deve começar por cada um, abrangendo a sociedade e o governo.

QUADRO N.º 8 VISÃO DA FAMÍLIA CON-

Idosos

As famílias hoje estão tendo muitas dificuldades em manter os seus valores intrínsecos. Atribuem isto à atual situação do mercado de trabalho, à situação econômica do povo e a opção da família pela TV. “a comunicação que vem da televisão, estraga a família”. Existe na família a mesma falta de cuidado e de amor que se tem com o mundo e é o que gera tanta violência e desarmonia.

Adolescentes

Vêm a família como o alicerce de sua formação, o porto seguro onde podem recorrer. Reconhecem a importância da liberdade com limites que favorece a união e a formação do adolescente. Não conseguem explicar o individualismo e o abandono presentes em muitas famílias.

Pensam que “a família é o seu alicerce” “ela tem que explicar para o adolescente qual é o caminho bom”. A respeito do jovem formar uma família dizem que “é preciso maturidade e responsabilidade”.

QUADRO N.º 9 EXPECTATIVA DE VIDA

Idosos

Tem expectativa de vida e de morte. Tem projetos de vida, sonhos e esperança, querem continuar vivendo com autonomia, tranquilos, e com produtividade, até quando Deus assim o permitir. “Tenho que tomar a minha vida... até o fim, cantar... viver”; “... quero ser instrumento... quem sabe a gente não consegue um clima de mundo bom”; “Ninguém vai morrer antes da hora... enquanto isso, quero viver bem.”

Esperam não ficar dependentes, e se ficarem, contam com os cuidados de seus filhos.

Adolescentes

Os adolescentes demonstram as expectativas básicas do ser humano: estudo / profissão / moradia / família. Tem consciência social participativa, estão na construção das profissões, algumas já definidas. Tais conquistas dependerão do seu empenho. Têm na violência uma ameaça à realização de seus sonhos, mudaram de expressão e pudemos observar a incerteza e o medo que embaçaram seus olhares, ao se referirem à violência como ameaça e como bem expressa esta fala: “...não sei se vou conseguir isso... tem tantos jovens sendo mortos na rua, vítimas de balas perdidas... fico com medo.”

QUADRO N.º 10 CONCEITO DE FELICIDADE

Idosos

Ser feliz significa viver prazerosamente e implica no cuidado das relações, na valorização das pequenas ações e cultivo dos mais nobres sentimentos: amor e paz. A felicidade foi construída num processo de superação de conflitos familiares e maus comportamentos: “A gente é feliz... não foi sempre assim, eu brigava muito... mas a gente também vai aprendendo... hoje a harmonia da minha família é a minha felicidade”, “uhhh, como sou feliz! Porque sou de paz e, para mim é a paz que traz felicidade”, “sou feliz porque tenho amor para dar”.

Adolescentes

Ser feliz significa viver na verdade, sem falsidades; agregar o cultivo dos bons sentimentos: amor e amizade, no relacionamento familiar e social.

Os momentos de tristezas devem-se a insegurança social e a questões como desemprego, corrupção, violência e outras.

A felicidade independe do ter; este é para suprir as necessidades básicas; o ser é que traz felicidade, como bem expressa esta fala: “sou muito feliz... não sou rica, acho que dinheiro não é felicidade, sou feliz pela minha família, pelo que sou e pelo que faço”.

ANÁLISE GERAL

Considerando a amostragem desta pesquisa com idosos e adolescentes motivados e à luz do referencial teórico, podemos afirmar que ambos os segmentos estão atentos a uma boa qualidade de vida por conta dos indicadores que revelaram suas auto-satisfações acerca da otimização das relações consigo mesmo, com o outro, com a família e com a sociedade, promovendo sua auto-estima e abertos para um jeito novo de viver priorizando o ser e o fazer sem prescindir do ter.

Ambos os segmentos se colocam na construção da “amorosidade” como proposta para transformar a realidade, para tirá-la do domínio da violência, que transformou o sentido clamoroso da palavra liberdade. O clamor da liberdade

significava a liberdade de expressão e hoje, para as duas gerações, significa a liberdade de locomoção, a qual os idosos quando adolescentes, tinham em excesso. O conceito de liberdade hoje, para os adolescentes é diferente. A mesma conotação se fez em relação a poder confiar nas pessoas desconhecidas ou pouco conhecidas; hoje o medo é um bloqueio ao acolhimento e à confiança.

Outras palavras que estão fazendo parte do repertório dos adolescentes são: hoje em dia e antigamente. Todos os adolescentes entrevistados usaram-nas em suas falas, desapropriando-as dos idosos que raramente as utilizaram e, quando o fizeram, foi para se referirem ao espaço de tempo de hoje até o tempo de seus avós ou mais; os adolescentes utilizam-nas para se referirem a um espaço de tempo de cerca de 5 anos. Analisamos essa antiga/nova expressão na linguagem do adolescente como decorrente do mundo virtual e da revolução tecnológica na qual tudo fica obsoleto rapidamente fazendo parte do “antigamente”.

Tanto idosos quanto adolescentes revelam sua plasticidade e resiliência ao se adaptarem a seus contextos de perdas e ganhos e grande capacidade de reserva para superação de grandes perdas, como, por exemplo, o enlutamento e outros eventos da vida.

Se, teoricamente a velhice bem-sucedida depende do indivíduo e seu contexto social, ou seja, de uma estrutura sócio econômica familiar e social, assim como da seguridade social, vários idosos e adolescentes revelam que é possível um desenvolvimento de qualidade, mesmo com variáveis bastante desfavoráveis na ordem sócio econômica e cultural na qual eles se inserem. Demonstraram flexibilidade e superação dos eventos negativos, pois são conscientes de sua interação social e procuram otimizá-la.

Os sujeitos da amostra percebem que fazem parte de uma minoria e que o conceito que prevalece é de idoso inútil e adolescente irresponsável. A mídia hoje fala mais sobre a terceira idade ativa; porém, em relação aos adolescentes exaltam os irresponsáveis.

Considerando os desejos e ações dos adolescentes acerca da transformação do conceito de sua geração e a receptividade que tiveram com os idosos a respeito das trocas que ocorreriam numa atividade conjunta, os adolescentes revelam que estão dispostos a aprenderem com os idosos e em matéria de novo conceito os idosos motivados são especialistas e como os adolescentes, partem de uma auto-referenciação, se tomam com exemplo.

Outra observação relevante é o vínculo afetivo familiar, motivo de felicidade para ambas as gerações; os adolescentes revelaram um elo muito forte com a família, contrapondo o conceito que se tem de adolescentes desapegados. Ainda como fator relevante podemos citar a fé, pois, segundo as duas gerações, são felizes, graças a Deus. É Deus quem dá a coragem para superar as dificuldades e caminharem bem.

CONCLUSÃO

As forças concorrentes para um novo paradigma estão projetando uma resultante de direção a uma melhor qualidade de vida, cuja intensidade de força aumenta à medida em que cada um se identifica com seus propósitos e faz sua adesão e embarca nessa força motriz que gera a esperança de um mundo melhor, segundo os desejos do corpo, da mente e do espírito.

Neste sentido, se posicionaram adolescentes e idosos, que se compatibilizaram e certamente saíram na frente mostrando que a tendência é real, e é possível uma transformação segura e saudável: revela-se num processo construtivo de intra e inter-relação e requer um pensar coletivo e um coração solidário, norteado pela ética, conforme bem expressa esta frase: “só pode ser bom para mim o que for bom para todos”.

As necessidades expressas na literatura contemporânea e fóruns de debates acerca da mudança de rumo para um caminho humanizado, num discurso ideológico e utópico, à primeira vista, já representa o início de uma nova mentalidade, o que não deixa de ser a expressão do próprio cerne humano. Pensamos que a diferença se faz na adequação do pensar e agir coerentemente, com base na verdade das relações, princípios e valores.

Neste novo paradigma estão conectados os adolescentes e idosos focados e que sugerem uma tendência transgeracional, sem prescindir das particularidades de cada fase da vida e, ainda, vistos e tidos como iguais e companheiros caminhantes no curso da vida.

Desenvolver esta pesquisa foi especialmente gratificante, pois aflorou o quanto agimos por condicionamentos e o quanto fortalecemos os estigmas existentes. Não temos a hábito da reflexão e reafirmamos os preconceitos com julgamentos genéricos, imediatos e aleatórios, avaliando o que é “certo” e “normal”, ou que é “assim mesmo”; ainda que possa ser diferente e melhor.

Observamos que a coleta de dados em si provocou uma reflexão e uma verbalização de pensamentos embotados; os adolescentes construíram suas respostas com cuidado, alicerçados pela educação formal; os idosos demonstraram uma intimidade maior com as questões, até mesmo porque a educação continuada vem provocando uma reflexão acerca do auto/conhecimento e do seu posicionamento no mundo. Com exceção da questão atividade conjunta, na qual ambas as gerações, construíram com reservas, seus pareceres considerando os benefícios da troca de conhecimentos.

Pensamos levar este trabalho ao conhecimento de outros adolescentes e idosos, como uma contribuição para com a transformação pleiteada neste novo conceito de idosos motivados e adolescentes responsáveis, conforme os seus desejos e ainda respaldar projetos de ação que dêem vida à interação de gerações na perspectiva da construção de novos paradigmas comportamentais mais condizentes com os clamores do coração do ser humano, independentes de suas faixas etárias.

Consideramos também, que tal resultado pode ter ocorrido por se tratar

BALTES, Paul B.; REESE, Hayne W.; NESSELROADE, John R. *Métodos de investigación en psicología evolutiva: enfoque del ciclo vital*. Version española: Alfredo Guerra Miralles. Madrid: Ediciones Morata, 1981.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Declaração dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos. *Política Nacional do Idoso*. Brasília: Ministério da Justiça, 1998.

CREMA, Roberto. *Antigos e novos: abordagem transdisciplinar em terapia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

DAMACENA, Andréa; ARNAUD, Edy. Violencia no Brasil : Representações de um mosaico. *Cadernos CERIS*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 7-33, abr. 2001.

DRYDEN, Gordon. *Revolucionando o aprendizado* (As quinze tendências principais que moldarão o mundo do amanhã, p. 1-39). São Paulo: Makron Books, 1996.

MALDONADO, Maria Tereza. *Os construtores da paz; caminhos da prevenção da violência*. São Paulo: Moderna, 1997.

NERI, Anita Liberalesso (Org.) *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1993.

NERI, Anita Liberalesso (Org.) *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papirus, 1995.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Conjuntura: desafios e perspectivas. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, ano XXII, n. 66, p. 5-33, jul.2001.

“As necessidades expressas na literatura contemporânea e fóruns de debates acerca da mudança de rumo para um caminho humanizado, num discurso ideológico e utópico, à primeira vista, já representa o início de uma nova mentalidade, o que não deixa de ser a expressão do próprio cerne humano”.



Memória, Velhice e Pesquisa

MEMÓRIA

Amar o perdido

Deixa confundido

Este coração.

Nada pode o olvido

Contra o sem sentido

Apelo do não.

Mas as coisas findas

Muito mais que lindas

Estas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

**CLAUDIENE
NASCENTES**

*Licenciada e
bacharel em
Economia Doméstica
pela Universidade
Federal de Viçosa/
MG. Mestranda em
Gerontologia Social
pela UNICAMP.
Especialista em
Bioética pela
Faculdade de
Medicina da USP.
claunascentes@
terra.com.br*

Lembrar, Verbo Intransitivo e Imperativo

Machado de Assis em sua famosa obra “Dom Casmurro” informa aos seus leitores, logo de início, o objetivo da empreitada do narrador-personagem Bentinho ao lembrar e contar sua história: “*atar as pontas da vida e restaurar na velhice a juventude*”. De fato, a memória, as lembranças, têm um papel fundamental em nossas vidas: elas nos permitem criar elos e significados ao longo do tempo. É a memória que nos informa o que fomos e, portanto, atribui significado para o que somos e nos possibilita imaginar o que seremos. Ora, se todos temos uma grande história que é a história da nossa vida, - sempre feita de muitas outras histórias menores, como peças de um mosaico - de nada adiantaria constituí-la, tecê-la se nos fosse negado a capacidade de lembrá-la, de reconstruí-la e de certa forma revivê-la por intermédio da memória, por essa lógica muito própria de como as lembranças se organizam.

Assim, se há algo de valioso, de precioso e que podemos chamar de patrimônio - pessoal ou universal, do qual todos devem zelar e preservar - é essa história que está inscrita nas lembranças, na memória de cada um. Todas as histórias são belíssimas, cada uma com sua dose de lirismo, de mesquinhez, de alegria, de tristeza, de dor, de prazer, de conto de fadas ou de tragédia, de vontade de lembrar ou desejo de esquecer... Todas as histórias e todas as memórias são em si mesmo “as mais belas histórias”, porque são as histórias de cada um. É tudo aquilo que foi, que fez de cada um e de todos aquilo que são.

As grandes tragédias da história da humanidade são, sem dúvida, tristes e abomináveis, mas tiveram a sua função, ainda que esta função seja a de nos mostrar como não proceder, como um exemplo a não seguir. Mas, de nada elas serviriam se nós, que as procedemos não pudéssemos conhecê-las e aprender com elas.

Lembrar é Preciso, Ainda que Impreciso

“O tempo é minha matéria. O tempo presente, os homens presentes, a vida presente”. Sim, de fato as palavras do poeta Carlos Drummond de Andrade muito dizem. Entretanto, o tempo não é matéria só dos poetas ou dos artistas; o tempo é a matéria para muitos que desejam abordar as diversas dimensões do humano em seus trabalhos. Tudo o que é humano se circunscreve em algum espaço e em algum tempo e, portanto, se referencia à temporalidade.

E se o tempo presente é a matéria por excelência, é porque é nele que se processa, onde tem lugar o real, o vivido, o nosso cotidiano, o imediato. E o presente - na dinâmica da temporalidade - só existe como categoria relacional. O presente e todas as suas elaborações se tornam possíveis e se realizam em função do passado (aquilo que foi) e do futuro (aquilo que será), pois a dinâmica imposta pela temporalidade determina essa mudança de “posições”: o passado de hoje é o presente de ontem e o futuro de hoje será o presente de amanhã e o passado de depois de amanhã.

É justamente essa dinâmica que torna necessária e fundamental a função da memória, para garantir que em meio a essa “efervescência irrefreável” do tempo que transcorre, não se perca a todo instante cada instante vivido. A memória juntamente com nossa capacidade de transmitir a vida e tudo o mais que criamos e elaboramos às gerações vindouras é que nos assegura a possibilidade da continuação e da preservação de nossa espécie e de nossa existência social.

Para NEVES (2000) a memória se constitui como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, história e memória, por meio de uma inter-relação

dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas. Sendo fundamentais para a construção da identidade, individual e coletiva é impossível se construir uma sociedade sem que se acione a memória, sem que ela fertilize cada possibilidade de realização no presente e no futuro.

Entretanto, como afirmado por POLLACK (1982), a memória é seletiva, pois nem tudo fica registrado. Existe um filtro que atua no sentido de selecionar o que será retido e o que será excluído. Do mesmo modo, quando as memórias são evocadas, as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação do que vai ser lembrado, por isso POLLACK assevera que a memória sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada. A memória é fundamentalmente um fenômeno construído de forma consciente e inconsciente. Portanto, a dinâmica impressa na temporalidade se percebe e marca também a elaboração e a reelaboração da memória.

BRITO (1989) afirma que assim como o homem possui uma memória determinada por seu contexto social, o grupo também a possui, não como soma das memórias dos indivíduos que o compõem, mas sim como fruto de sua vivência do coletivo. A memória coletiva, da sociedade, por força da cristalização de certos conteúdos, se transforma em tradição. A tradição, por sua vez, ao ser apropriada pelos grupos, passa a determinar a memória de cada membro do grupo, num processo fundamentalmente dialético, de produção e reprodução.

Ainda segundo POLLACK (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, seja a identidade individual ou a coletiva, pois a memória e a identidade são fatores extremamente importantes do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

NEVES (2000) também ressalta a importância do exercício de lembrar como parte de um processo de construção e reconstrução de lembranças realizado no tempo presente, no hoje. Assim, o exercício permite múltiplas possibilidades de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas

“...a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Indubitavelmente existe uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, seja a identidade individual ou a coletiva...”

“o trabalho com a história oral, com a memória, não se restringe apenas à reconstrução de trajetórias de vida, de resgates, de depoimentos que possibilitem a reconstrução de um fato, de um período ou de uma tradição”.



na dinâmica da história. Pela memória, no exercício de lembrar, que é parte constituinte fundamental da identidade de cada um, cria-se o elo de inserção social e histórica de cada sujeito.

Vários estudiosos concordam em afirmar que Memória e História são processos sociais, são construções dos próprios homens – que têm como referências as experiências individuais e coletivas elaboradas na vida em sociedade. Ora, se todos vivemos em sociedade, nossas memórias, assim como as demais construções, têm necessariamente que estar inseridas no engendramento da vida social.

A memória não é um fenômeno meramente individual, pertencente, portanto, apenas à pessoa. A memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social (Maurice Halbwachs apud NEVES, 2000), como um fenômeno construído e reconstruído socialmente, continuamente, em constante transformação. Lembrar é, pois, um exercício dinâmico e dialético, renovável, e se constitui como base para o processo de identificação individual e social.

O fato lembrado é, sem dúvida, muito mais amplo e nuançado do que o fato vivido, pois conta com o tempo presente de que se origina, com o passado em que se localiza e, novamente, com o presente em que se insere sua leitura (BRITO, 1989). As lembranças estão todas referenciadas no passado, fornecedor dos elementos demandados para a construção da memória e da identidade. Assim, no processo de realização de uma pesquisa, “ativando” a memória do entrevistado o pesquisador contribui para que partes importantes da história daquele indivíduo e do grupo ao qual ele pertence não desapareçam.

O mundo moderno, dominado pelo presente contínuo, vive um processo de desenraizamento. A memória perde sua função de compartilhamento de múltiplos tempos. À História, como processo cognitivo, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de sua identidade, através de sua integração na trama sincrônica da vida em coletividade.

Segundo NEVES (2000),

“É a busca de construção e reconhecimento da identidade que motiva os homens a debruçarem-se sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais que se constituem nas referências reais das lembranças. Na verdade, para recordar e para se analisarem os processos históricos, é necessário ativar-se a construção de signos que se constituem como elementos peculiares do reavivamento mental do passado.”

A metodologia da história oral contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou. Além de contribuir para a construção/reconstrução da identidade histórica, a história oral empreende um esforço voltado para possibilitar o afloramento da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva.

O testemunho oral representa o diálogo entre entrevistador e entrevistado e, por isso, registra informações pertinentes às preocupações de, no mínimo, dois sujeitos diferentes. O espaço da história oral é, por sua natureza, o espaço da intersubjetividade e, portanto, do diálogo de diferentes identidades. Faz parte dos procedimentos metodológicos que lhe são próprios reconhecer a importância de

cada indivíduo/depoente em si mesmo e em sua relação com a sociedade na qual está e esteve integrado.

Quando se utiliza a entrevista e se obtém dados através do discurso, cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. A história oral, em decorrência, é a arte do indivíduo, mas de um indivíduo socialmente integrado.

Ora, decerto que qualquer pesquisador que se proponha a realizar investigações a partir de depoimentos, de entrevistas, tem que ter em mente a recorrente inserção das memórias e das lembranças nas falas dos entrevistados.

Para BRITO (1989),

“o ato de lembrar é marcado pela subjetividade da conservação de experiências passadas. Toda e qualquer percepção está permeada de lembranças e sua construção depende delas, pois, na medida em que se acredita que não há presente sem passado, a memória assume o papel de responsável pela ligação vital entre estes dois estágios temporais.”

Nora apud NEVES (2000) afirma que não há uma memória espontânea e que existe uma necessidade humana de se alimentar a história com vestígios do passado. Assim é que se torna possível construir, reconstruir e manter os lugares da memória fazendo existir a noção de continuidade e de pertencimento ao grupo social, fundamental na construção da identidade.

Itinerário e Mapa de Bordo

Ora, a vida humana constitui-se numa pluralidade e a totalidade da vida de cada indivíduo é composta por essa pluralidade, que é ao mesmo tempo produto e produtora da dinamicidade de cada existência. Não é possível, pois, fragmentar essa totalidade sem comprometer o seu significado, elegendo ou privilegiando, por exemplo, um tempo ou um espaço, em detrimento ou prejuízo dos demais elementos do todo.

Nos parece bastante óbvio que sempre haverá, para quem trabalha com entrevistas, com história oral, com memórias individuais ou coletivas, o problema de como interpretar tão rico material. Não podemos, entretanto, deixar de mencionar e de ovacionar a tecnologia, que tornou possível a criação de meios de se preservar, de não se perder a história.

Ainda bem que inventaram o papel, a impressão, a fotografia, o vídeo, elementos bem mais duradouros que nossa memória. Não fosse por esses registros - mágicos - muita coisa se perderia, pois mesmo podendo contar com toda a tradição oral, de se contar histórias, de se ensinar verbalmente, assim como “quem conta um conto aumenta um ponto”, quem conta um conto pode diminuir um, dois, três ou vários pontos, até que a história perca a sua veracidade e deixe de ser o que era originalmente.

Aí reside talvez a maior responsabilidade do pesquisador que se depara com



esse “material”: não deixar que as histórias de cada um e de todos se percam. Não deixar que desapareçam sem vestígios as marcas da existência humana desses três milênios, inscritas em cada um de nós. Se a memória é mesmo o antídoto do esquecimento, o pesquisador - aquele que ouve e torna possível a não-morte de uma história - é um guardião da memória, o seu catalizador, o potencializador e o curador da memória social.

Entretanto, o trabalho com a história oral, com a memória, não se restringe apenas à reconstrução de trajetórias de vida, de resgates, de depoimentos que possibilitem a reconstrução de um fato, de um período ou de uma tradição.

Trabalhar, por exemplo, com o cotidiano das pessoas e das famílias (que é o real, o imediato, o vivido) não significa dizer que a história de vida de cada participante, o passado de cada um, não terá importância. Muito pelo contrário, para compreender o cotidiano vivido no presente é necessário reconhecer e evocar o passado a todo instante, como forma de dar sentido às representações do presente. Torna-se, portanto, inconteste o fato de que ao trabalhar com o cotidiano dos indivíduos e das famílias, sempre será necessário recorrer ao passado, distante ou não, mas que dirá do como e porquê o presente se estrutura dessa ou daquela forma.

Para tal empreitada é necessário, portanto, traçar itinerário e elaborar um “diário de bordo”. A metáfora da viagem ilustra bem o exercício realizado na construção de uma narrativa passada: o momento presente é ponto ou porto de partida, o momento passado é o objetivo da viagem, a terra a ser explorada e sua ressignificação atual é o ponto ou porto de chegada. O registro da cada fato, de cada elemento narrado, juntamente com a composição de seu significado, compõe o diário de bordo dessa viagem feita com o interlocutor.

Bosi (1994) analisando a obra de Bérghson alude à importância da “memória-hábito” no cotidiano, memória que, adquirida pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras, se constitui como uma exigência da socialização:

“Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em hábito, em um serviço para a vida cotidiana. Graças à memória-hábito, sabemos de ‘cor’ os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras da etiqueta, o escrever, o falar a língua estrangeira, o dirigir um automóvel, o costurar, o escrever à máquina etc. A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural”.

Para o pesquisador que deseja investigar o cotidiano, fazer de sua matéria o tempo presente, é necessário assumir como tarefa o proposto por LEFEBVRE (1991) “*revelar a riqueza escondida sob a aparente pobreza do cotidiano, descobrir a profundidade sob a trivialidade, atingir o extraordinário do ordinário, esse é o desafio*”.

Para BARROS (2002) a memória parte do presente para fazer um percurso de uma trajetória de vida. Cada indivíduo entrevistado, ouvido, fala como velho, mas fala também como avô ou avó, como morador de uma cidade, como mulher e como homem, como membro de uma determinada camada social e de uma determinada profissão. Ao dar ouvidos à história de cada indivíduo idoso,

**“À História, como processo cognitivo,
cabe recuperar os
lastros dessa dinâmica temporal, fazen-
do do próprio homem sujeito reconhe-
cedor de sua identidade, através de sua
integração
na trama sincrônica
da vida em coletividade.”**



o pesquisador faz desencadear o fluxo das lembranças ao apresentar temas e questões a serem discutidas. Várias coisas nas narrativas podem servir como pistas de lembranças (o que nos remete novamente à metáfora da viagem, na qual as pistas nada mais são do que as indicações contidas no mapa, os sinais, as placas de sinalização). O pesquisador deve fornecer pistas ao entrevistado, como indicadores para que este se guie nas lembranças e que são analisadas pelo pesquisador para dar uma referência histórica e cultural à fala do entrevistado, portanto,

“à construção de uma lembrança que não está pronta e algum lugar mas é, em cada momento, reconstruída, dependendo do lugar que o narrador está na sociedade no momento em que elabora sua narrativa. As pistas para as lembranças podem ser fotos, a paisagem urbana, as festas familiares”.

Segunda a referida autora a experiência de realizar pesquisa com fotografias de família evidenciou a dimensão fundamental dessas pistas: *“Uma foto apenas pode iniciar um enorme relato sobre as relações familiares e sua interpretação atual de fatos passados”*.

Se for, pois, pela memória que percebemos e sentimos a noção de pertencimento e continuidade, é pela memória também que se constroem os significados da vida presente, da vida cotidiana dos indivíduos. Assim é que para a construção de um conhecimento cujo informante é o idoso, a memória é a ferramenta, o recurso sem o qual seria impossível constituir uma narrativa consistente e coerente com o sentido de busca da compreensão da existência humana, cuja história se inscreve no tempo, na dinâmica inafastável do presente que se torna pretérito na espera do porvir. Isto é o que se dá no cotidiano: a realização da própria vida, que se consome e se nutre na feitura do dia a dia, no tempo que se gasta, na confluência dos tempos, na passagem dos dias, na composição das histórias.

“Se for, pois, pela memória que percebemos e sentimos a noção de pertencimento e continuidade, é pela memória também que se constroem os significados da vida presente, da vida cotidiana dos indivíduos.”



Referências Bibliográficas

BARROS, Myriam Lins de. Antropóloga analisa situação de idosos sob a ótica dos próprios. *Revista ComCiência* (Entrevistas). Disponível em: <<http://www.com-ciencia.br/entrevistas/frameentr.htm>>. Acesso em: 25.out. 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p

BRITO, M. E. Memória e cultura. In: *Caderno Memória da Eletricidade*, Rio de Janeiro: n. 1, 1989, 24p.

MAUAD, A. M. História, iconografia e memória. In: Von, Simson, O. R. de M. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: CMU/ Unicamp, 1997, p. 309-320.

MENEZES, A B. Memória e ficção. *Resgate*, Campinas, p. 09-15.

NEVES, L. A Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, n. 3, p. 109-116, 2000.

PEREIRA, L. M. P. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, n.3, p. 117-127, 2000.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p.03-15, 1989.

POLLACK, M. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p.200-215, 1992.


VON SIMSON, O.R M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp. Memórias e Descobrimto:500 anos de história da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil.In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7, 2000. *Anais...* p. 103-108.

_____. Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências sociais: reflexões de pesquisa. In: *Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia*. Niterói: UFF/ CNPq, 1996, p.88-101.



Idosos, Cidade e Moradia: Acolhimento ou Confinamento?

A regulamentação, a concepção e a construção das cidades e de suas distintas edificações devem passar, e efetivamente aos poucos estão passando, por profundas alterações ao considerar e incorporar os princípios da equidade dos direitos de participação de todos os seres humanos, independente de idade ou condição física, de compreender um espaço, sentir-se incluído nele, comunicar-se e relacionar-se com os seus conteúdos de forma autônoma e independente. E, com isso, ganham todos – os idosos, os portadores de deficiência, as crianças, qualquer um de nós, pois acessibilidade significa pensar, edificar e adequar espaços para a diversidade humana.



ADRIANA ROMEIRO
DE ALMEIDA PRADO
Arquiteta e
urbanista. Mestre
em Gerontologia
Social na PUC/
SP. Coordenadora
de projetos de
acessibilidade na
Fundação Prefeito
Faria Lima – Cepam.
E-mail: almprado@
uol.com.br

FLAVIA BONI LICHT
Arquiteta.
Especialista
em habitação
popular e inovação
tecnológica.
Docente do Curso
de Especialização
em Gerontologia
Social da Pontifícia
Universidade
Católica do Rio
Grande do Sul.

Introdução

De acordo com os dados da última pesquisa demográfica da Organização das Nações Unidas¹, a expectativa de vida, que no ano 2000 apresentava como média mundial a idade de 65 anos, sobe para 76 anos em 2050. Essa variação indica um aumento percentual considerável na população de idosos, não só nos países da Europa e da América do Norte, onde a expectativa de vida atinge quase 83 anos, mas também nos países do 3º Mundo: na América Latina, os índices variam de 69 anos em 2000 para quase 78 anos em 2050. Para o Brasil, os dados dessa mesma fonte indicam que a porcentagem da população com mais de 60 anos sobe de 8% em 1999 para 22% em 2050.

Com essa acentuada e rápida mudança na composição etária da população, todos os campos do conhecimento humano começaram a incluir nas suas preocupações as exigências de um mundo que envelhece. Esse novo enfoque pode ser observado também nas áreas da arquitetura e do urbanismo, reforçando a idéia de que a qualidade de vida das pessoas depende, em grande parte, do meio em que vivem e se movem.

Num processo de urbanização bastante acelerado, fruto de planejamento ou de crescimento espontâneo, as cidades foram sendo edificadas com inúmeros obstáculos físicos que, assim como as barreiras econômicas, são importantes fatores de exclusão social, pois dificultam e, muitas vezes até, impedem a circulação autônoma e independente de um grande contingente de seus cidadãos, inclusive de muitos de seus cidadãos idosos.

Tomando como exemplo os dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Universitário de Estudos Europeus em Madrid e Barcelona², 82% das moradias daquelas cidades apresentam barreiras arquitetônicas, sete mil pessoas anualmente são obrigadas a mudar de domicílio pela inadequação desses às suas necessidades, 78% dos edifícios não possuem elevador, 15% das pessoas jamais sai à rua e mais de 45% necessita de alguma ajuda para fazê-lo. Portanto, uma das importantes informações que nos traz essa pesquisa é a hostilidade do ambiente construído que não favorece a muitos seres humanos a participação da vida em sociedade.

E, no caso específico dos idosos, as barreiras físicas são apenas uma parte da problemática. A arquitetura e o urbanismo pensados para um mundo com cara de terceira idade devem ir muito mais além, absorvendo e contemplando a história dos indivíduos, potencializando sua autonomia física e segurança psíquica, o respeito à intimidade e à privacidade de cada um, bem como possibilitando o estabelecimento e a continuidade das relações sociais.

Para que o terreno das intenções alcance o mundo real é necessário projetar pensando que, com a idade, os elementos responsáveis pela necessária interação homem/ambiente começam a deteriorar-se, observando-se a diminuição da acuidade funcional (na mobilidade física como um todo e na motricidade fina mais especificamente), uma menor capacidade visual e auditiva, lentidão de aprendizado, limitações crescentes na memória, especialmente naquela mais

recente, uma sensível diminuição na coordenação e na capacidade de simultaneidade de reações, maior dificuldade de interpretação de cenários complexos ou com grande carga de informação. Dessa forma, os espaços que pretendam satisfazer as necessidades dos idosos devem se tornar mais amigáveis ainda e contemplar respostas a exigências diferenciadas, lembrando que é nas “nas situações onde *o outro* está mais desprotegido e vulnerável é que aquele que protege mostra sua capacidade de escuta, de interpretação e de imaginação.”³

“Num processo de urbanização bastante acelerado, fruto de planejamento ou de crescimento espontâneo, as cidades foram sendo edificadas com inúmeros obstáculos físicos que, assim como as barreiras econômicas, são importantes fatores de exclusão social”.

A Cidade

Ao examinarmos a estrutura física de nosso entorno urbano podemos observar que, na maioria das vezes, não é seguido o princípio básico que a cidade deve ser *de e para* todos. A qualidade de vida de todos cidadãos inclui o direito à participação das atividades econômicas e sociais da cidade, somente possível se lhes for franqueado, também, o acesso físico aos distintos elementos constitutivos da estrutura urbana. Desde a necessária locomoção entre os seus diversos pontos, realizada tanto em meios de transportes quanto a pé, até a também necessária fruição do tempo livre em parques e praças, passando pela freqüência a restaurantes, museus, cinemas, teatros, prédios públicos e privados, as cidades são pouco receptivas aos seres humanos, especialmente àqueles que, por diferentes motivos, têm reduzidas suas condições de mobilidade, entre os quais os idosos formam o grupo mais numeroso.

Algumas cidades brasileiras já estão mostrando suas preocupações nesse sentido, desenvolvendo projetos com vistas a uma sociedade inclusiva. O projeto “Rio Cidade” e o projeto “Porto Alegre Acessível para Todos” são dois bons exemplos disso. O projeto “Rio Cidade”, uma série de intervenções urbanas em vários bairros do Rio de Janeiro, será, de acordo com o Centro de Vida Independente do Rio de Janeiro (CVI-Rio)⁴, instituição consultora do Rio Cidade, “*o primeiro projeto urbano amplamente acessível a todos os segmentos da população*”. Já o projeto “Porto Alegre Acessível para Todos” marcou o início de sua atuação com diversas obras no Parque Moinhos de Vento⁵: rampas de circulação e acesso, sanitário adaptado de acordo com a NBR 9050⁶, equipamentos de fisioterapia e de recreação infantil, abrindo a freqüência a esse espaço de lazer da cidade a todos os cidadãos. Também Belo Horizonte deve ser citada como exemplo, pois, em 1999, destaca-se como a primeira cidade brasileira a exigir em sua legislação a obrigatoriedade da renovação da frota de ônibus para veículos de piso baixo⁷.

Porém, apesar de muitos bons exemplos, outros tantos projetos de renovação urbana, com largas avenidas que ainda priorizam a circulação acelerada dos



“O abrigo, a proteção, o acúmulo de bens materiais são conceitos sempre associados à moradia, uma das necessidades básicas de qualquer ser humano.”

veículos, parecem continuar esquecendo de atender as necessidades e exigências da diversidade dos seres humanos. De acordo com as pesquisas de especialistas em mobilidade urbana⁸, uma pessoa em idade de trabalhar caminha a uma velocidade de 1,0m/s; porém muitos idosos dão passos de 0,4m/s e as normas vigentes indicam 1,2m/s como a “velocidade de marcha” a ser utilizada para regular o funcionamento dos semáforos nas cidades. Esse dado nos esclarece porque a maioria dos acidentes fatais no trânsito urbano ocorre com idosos, fato confirmado por pesquisa realizada em 1999 pela Companhia de Engenharia de Tráfego da Prefeitura de São Paulo⁹, a qual aponta que 50,4% das mortes em acidentes de trânsito são de pessoas com mais de 60 anos.

Convém destacar também que a acessibilidade é uma cadeia formada por distintos elos (o urbanístico, o arquitetônico, o de transporte e o de comunicação) que devem funcionar absolutamente entrelaçados, pois uma falha em um deles repercute nos demais, rompendo a cadeia e desvirtuando o conjunto.

Ao caminhar pelas ruas e utilizar os diversos equipamentos urbanos, as pessoas vão definindo rotas resultantes de várias ações seriadas e, necessariamente, ininterruptas, onde os desníveis deverão ser transpostos, as distâncias vencidas, os controles acionados. Alguns dos itens imprescindíveis a serem contemplados incluem uma combinação de escadas e rampas ou equipamentos eletromecânicos (como elevadores e plataformas móveis, por exemplo) com largura compatível para a circulação de pessoas em cadeira de rodas ou com andador, com piso antiderrapante e livre de obstáculos; um mobiliário urbano (telefones públicos, caixas de correio, lixeiras, por exemplo) a uma altura compatível ao uso de pessoas de baixa estatura ou em cadeira de rodas e com indicação no piso para orientar aqueles com deficiência visual; travessias de ruas bem sinalizadas, com guias rebaixadas, faixas de cruzamento para pedestres, semáforos sonorizados e piso tátil com textura e cor diferenciada; meios de transporte (metrô, ônibus, embarcações e táxis, entre outros) que permitam o embarque e o deslocamento, com segurança e conforto, também de idosos e usuários de cadeiras de rodas; investimentos na formação dos motoristas no que se refere ao funcionamento dos diferentes mecanismos presentes no veículo (rampas, fixação da cadeira de rodas etc.).

Ações pontuais e parciais, se não forem incluídas num Plano Municipal de Acessibilidade que pressupõe a organização integral das ações urbanas, inclusive contemplando alterações necessárias na legislação do município, tornam-se, com o passar do tempo, apenas testemunhos de uma intenção absolutamente ineficaz.

Portanto, antes de pensar e, muitas vezes, requerer a participação de todos os cidadãos nos serviços e equipamentos disponibilizados pelas cidades, deve

“Fazendo uma observação realista do ciclo da existência do ser humano, podemos concluir que, ao envelhecer, a maioria das pessoas deverá apresentar uma ou mais deficiências”



ser examinada se essa participação é possível, se todos os meios para que isso ocorra estão presentes na estrutura urbana, se as edificações e os espaços abertos contemplam, além dos já incorporados conceitos de economia, durabilidade, funcionalidade e estética, a acessibilidade e a habitabilidade, se as campanhas de sensibilização realizadas foram efetivas, despertando o respeito às necessidades diferenciadas dos idosos e demais pessoas com mobilidade reduzida e fomentando atitudes solidárias na população em geral.

A Casa

O abrigo, a proteção, o acúmulo de bens materiais são conceitos sempre associados à moradia, uma das necessidades básicas de qualquer ser humano. Em se tratando do idoso, a casa também contém o significado das conquistas e das memórias afetivas que foram sendo construídas ao longo de toda uma vida, as lembranças dos filhos que ali cresceram, dos netos que chegaram. Apartá-los desse pequeno santuário de recordações é um fator altamente prejudicial para um equilíbrio físico frequentemente frágil e “podem desencadear situações traumáticas e favorecer a desorganização do funcionamento mental e psicológico¹⁰”.

A permanência do idoso em sua moradia é, portanto, indicado por todos os especialistas no assunto como um fator de saúde, mesmo para aqueles que apresentem dependências para a realização de algumas ou de muitas atividades da vida diária. *“Na velhice, observa-se uma constrição maior ou menor do espaço social que fica restrito, muitas vezes, ao domicílio. [...] Para muitos idosos, o espaço social acaba sendo tudo o que possuem, sendo importante destacar os laços estabelecidos com os objetos, as pessoas e o ambiente para a manutenção de seu equilíbrio e de sua própria identidade.¹¹”*

Porém, essa mesma casa, por não ter sido projetada de forma a prever a longevidade de seus moradores, torna-se, com o passar dos anos, hostil e, em vez de abrigo, transforma-se em uma prisão que pode inviabilizar a continuidade da vida independente e autônoma dos idosos, inclusive daqueles não portadores de qualquer tipo de deficiência.

De acordo com o economista Fernando Alonzo López¹², *“o grau de acessibilidade com que se constrói depende, em última instância, de agentes privados, de*

peças – arquitetos, promotores e compradores de moradias – que atuam movidos por interesses particulares e baseados em informações limitadas. [...] Se os arquitetos partem do preconceito estético e funcional falso, os promotores o fazem de acordo com uma postura conservadora, e os compradores, idealizando um modelo de vida pessoal e familiar, na maioria das vezes, pouco realista.”

Mesmo sem fazer nenhuma pesquisa científica, pode-se afirmar que a esmagadora maioria do estoque habitacional do nosso país é dotado de inúmeras barreiras físicas, tanto interna quanto externamente, potencializadoras de quedas e geradoras de insegurança para seus usuários. E, com o passar dos anos, a moradia, antes refúgio, torna-se um acúmulo de armadilhas: de grandes escadarias sem corrimão a pequenos desníveis nas soleiras das portas externas, de pisos executados com material escorregadio (e sempre bem encerados!) a pequenos tapetes soltos junto a sofás e camas, de maçanetas e torneiras “de bola” a cozinhas e banheiros inadequados, de iluminação deficiente em todos os cômodos a portas e corredores estreitos.

Nas moradias, as adaptações a serem feitas são tão variadas quanto a diversidade de seus usuários, porém algumas demandas são sempre constantes. Um estudo realizado pelos arquitetos do CEAPAT (Centro Estatal de Autonomia Personal y Ayudas Técnicas, Madrid/Espanha)¹³ indica como obras mais demandadas a adequação dos espaços, equipamentos e materiais de acabamento nos banheiros e cozinhas; a ampliação da largura de portas e corredores; o estudo e implantação de alternativas para vencer os desníveis; a colocação de corrimão nas escadas, rampas e corredores; a modificações nas alturas das camas e alguns outros itens do mobiliário (armários e sofás, por exemplo); a instalação de equipamentos de segurança e de comunicação; a substituição de pisos executados com materiais escorregadios por pisos antiderrapantes; a reordenação geral dos espaços internos.

Essas barreiras existentes tanto nas moradias já ocupadas quanto nos projetos de novas edificações são produto do descumprimento das normas¹⁴ que contemplam as necessidades das pessoas com mobilidade reduzida no que se refere às edificações, ao espaço, ao mobiliário e aos equipamentos urbanos. Seguir, portanto, além de todas as outras exigências, o especificado pelas normas que indicam as condições de acessibilidade quando da realização de projetos, torna-se compulsório nesse mundo que envelhece – até porque é muito mais econômico executar uma obra contemplando também as necessidades futuras do usuário ainda no projeto do que realizar pequenas ou grandes reformas no espaço já construído e habitado.

Esse fato é comprovado pelo Conselho Sueco de Pesquisa sobre a Construção¹⁵, ao informar que os custos de uma reforma para eliminar as barreiras num espaço já edificado podem representar de quatro a 35 vezes mais do que a execução dessa mesma obra partindo de um projeto que já contemple as exigências de acessibilidade. Também o pesquisador Edward Steinfeld, da Universidade de New York, Buffalo, USA¹⁶ reforça essa afirmação ao indicar que as reformas pós-ocupação visando tornar um espaço acessível podem significar um custo até 35

vezes superior ao valor inicialmente previsto.

E, fazendo uma observação realista do ciclo da existência do ser humano, podemos concluir que, ao envelhecer, a maioria das pessoas deverá apresentar uma ou mais deficiências. Portanto, não deveríamos estar pensando em projetar moradias para os outros e sim para o nosso próprio futuro, utilizando um conceito já internacionalmente aceito e desenvolvido com sucesso em muitos países: o das “moradias para toda a vida”. Essas moradias se diferenciam das demais por duas características básicas: a acessibilidade desde o seu primeiro momento e a adaptabilidade, ou seja, a possibilidade de satisfazer, a baixo custo, as exigências variadas de cada ser humano nas distintas fases do seu processo de vida, sem que isso as caracterize como casas para idosos ou para portadores de deficiência. São, antes disso, casas para todos, “moradias para toda a vida”.

Exemplificando a aceitação dessa nova forma de pensar a moradia, já a partir de 1985, o Banco Estatal da Habitação da Noruega¹⁷ passou a oferecer um crédito extra com juros mais baixos para todos os clientes que contemplassem a acessibilidade e a adaptabilidade na construção de suas residências. Como conseqüência, atualmente, 10% do estoque de habitações privadas na Noruega (aproximadamente 54 mil unidades) são “moradias para toda a vida”.

Também no Brasil, a idéia de se construir moradias adaptáveis já está encontrando seu eco: o Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal – Cepam¹⁸, acaba de desenvolver, para a Caixa Econômica Federal, a adequação, de acordo com a NBR 9050, de seis projetos de habitação popular, integrantes do Kit Projeto distribuído pela CEF aos interessados em obter financiamento para a construção da casa própria. O projeto dessas seis unidades habitacionais, com áreas que variam de 33,82m² a 45,16m² para serem implantados em lotes com largura de 4,00m a 8,80m, incorporou o conceito de “moradias para toda a vida” à habitação popular, provando que moradias acessíveis não significam, necessariamente, o aumento da área total.

Seguir, portanto, essa tendência mundial pode e deve ser a preocupação daqueles que, de diferentes formas, estão envolvidos na problemática habitacional, lembrando sempre, porém, que a “moradia para toda a vida” não significa que seu usuário ficará amarrado a ela até a morte, mas sim que ele, na busca de sua qualidade de vida pessoal, poderá decidir se quer ou não se mudar, que poderá exercer, com liberdade, o seu desejo de permanecer no entorno que construiu e que lhe dá segurança, que verá respeitada a vontade de envelhecer no seu próprio refúgio.

A Instituição

Em algum momento e por variados motivos, muitos idosos são obrigados a abandonar suas moradias e recorrer aos serviços oferecidos por distintas instituições. Para que esse processo de mudança se dê, na medida do possível, sem maiores traumas e para que seja possível atender os objetivos de autonomia e

satisfação pessoal desses idosos, muitos cuidados no que se refere à estrutura institucional são igualmente importantes: as características organizacionais do serviço, as distintas formas de atendimento disponibilizadas, as relações interpessoais entre cuidadores e residentes e, sem dúvida alguma, a qualidade física ambiental desses novos refúgios buscados, compulsoriamente, no decorrer do processo da vida de muitas pessoas.

Nessas instituições de atendimento a idosos, à parte dos demais cuidados alvo da atuação de profissionais de distintas áreas, um adequado desenho ambiental será estimulante e profilático, influenciando positivamente em problemas de comportamento e, também, compensando déficits sensoriais visuais pela conveniente iluminação, reduzindo riscos de quedas e otimizando a deambulação independente ou com auxílio de andadores e cadeiras de rodas pela eliminação das barreiras arquitetônicas, favorecendo o contato e as relações sociais pela inserção do prédio num entorno urbano receptivo, pela correta distribuição dos espaços internos e disposição do mobiliário, incrementando a autonomia pessoal pela apropriada utilização de estímulos orientadores.

Muitos dos serviços de atendimento a idosos são desenvolvidos em prédios adaptados; alguns outros estão instalados em edificações especialmente pensadas para esse fim. Nos dois casos, as exigências de conforto e de acessibilidade devem ser respeitadas no projeto que deve, necessariamente, ser elaborado por profissional regularmente registrado no CREA da região, atendendo a legislação municipal vigente (Lei de Zoneamento, Código de Edificações, Normas de Prevenção de Incêndios e outras), o disposto na NBR9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas, na Portaria 810 do Ministério da Saúde e na Portaria 73/2001 do Ministério da Previdência e Assistência Social (Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso no Brasil).

Conforme a Portaria 73/2001 do MPAS¹⁹, *“convém salientar que as exigências de conforto e de acessibilidade não podem ser consideradas um requinte construtivo, mas sim devem ser entendidas como elementos de qualidade de vida e condições de autonomia para os idosos – mais vulneráveis e com limitações de mobilidade advindas do processo de envelhecimento – bem como elementos de prevenção de quedas e de outros acidentes domésticos. As propostas espaciais devem orientar-se, portanto, no sentido de estimular as aptidões e capacidades próprias dos idosos, melhorando as comunicações e a manipulação de objetos do cotidiano”*.

Dessa forma, pode-se observar que, nos mais diversos níveis, a regulamentação, a concepção e a construção das cidades e de suas distintas edificações deve passar, e efetivamente aos poucos está passando, por profundas alterações ao

Notas e Referências

1. <http://www.un.org>
2. REGATOS SORIANO, Rosa. *Ayudas técnicas y viviendas accesibles*. Sesenta y Más , Madrid , 1999.
3. FRANK, Eduardo. *Vejez, arquitectura y sociedad*. Buenos Aires: Ediciones Paradiso, 1998. 109 p.
- 4 . <http://www.alternex.com.br/cvirj>
5. <http://www.portoalegre.rs.gov.br>
6. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos – NBR 9050/94*. Rio de Janeiro: ABNT/Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, 1994. 59 p.
7. Pesquisa sobre Municípios com transporte acessível no Brasil, desenvolvida pelo Cepam em 1999, atualizada em 2000 e publicada na homepage: <http://www.cepam.sp.gov.br>
8. PÉREZ NANCLARE , Nerea. Victoria em Vitoria – Uma campanha inspirada em “*La Vanguardia*” favorece a los peatones alaveses .*Vanguardia*, 15/03/2001.
9. São Paulo (cidade). Secretaria Municipal de Transportes. Companhia de Engenharia de Tráfego - CET. *Fatos e estatísticas de acidentes de trânsito em São Paulo* , 2000. 48 p.
10. PAPAEO FILHO, Mateus. *Atendendo o idoso em seu domicílio*. São Paulo Serviço de Assistência Domiciliária da Clínica Geronto-Geriátrica do Hospital do Servidor Público Municipal, s.d. 24 p.
11. Idem 8.
12. ALONSO LÓPEZ, Fernando. *Accesibilidad em las viviendas: síndromes y remedios*. Boletín CEAPAT, Madrid, n. 27, 1999.
13. Idem 4.
14. No caso do Brasil, a NBR 9050/94 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. *Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT/Fundo Social de Solidariedade do Estado de S. Paulo, 1994. 59 p.

15. SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO SOBRE ACESSIBILIDADE AO MEIO FÍSICO, Rio de Janeiro, 1994. *Anais...* Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994. 214p.

16. Idem 17

17. ALONSO LÓPEZ, Fernando – *Los beneficios de renunciar a las barreras – análisis económico de la demanda de accesibilidad arquitectónica em las viviendas* . Instituto Universitario de Estudios Europeos, 1999.

18. FUNDAÇÃO PREFEITO FARIA LIMA. Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal. *Kit Projeto – Habitação popular acessível*. 2001

19. O documento-base da Portaria 73/2001 do MPAS, *Normas de Funcionamento de Serviços de Atenção ao Idoso no Brasil*, foi elaborado por um grupo formado, a convite do referido Ministério, pelos seguintes profissionais: Albamaria P. de C. Abigailil (assistente social), Maria de Mello (terapeuta ocupacional), Matheus Papaléo Fº (médico geriatra) e Tomiko Born (assistente social), além das arquitetas autoras desse texto. Posteriormente, sob coordenação de Jurilza Maria B. de Mendonça, Gerente de Projetos de Atenção à Pessoa Idosa do MPAS, o referido documento-base foi levado à discussão nacional nos diferentes níveis (estaduais, municipais e institucionais) dedicados à implantação da Política Nacional do Idoso, sendo publicado como Portaria do MPAS no Diário Oficial da União no dia 14 de maio de 2001.





Entrevista



Tomie

“O Brasil me possibilitou ser a artista que sou hoje. Cheguei aqui, acabei me casando e quis por opção, só cuidar da casa e de meus filhos. E eu era uma boa dona de casa, tinha dois filhos, mas sempre gostei de fazer pinturas. Mas, isso em meu caminho é uma coisa pequena, o casamento é muito maior, mais importante. Depois, quando as crianças estavam maiores e me sobrava um pouco de tempo, pensei que então poderia começar a pintar com mais dedicação. Eu estava contente e pintava com alegria. Eu nunca pensava em estilo. Agora tem que ser assim, não é? Nunca pensei nessas coisas. O meu desejo era só pintar. Queria pintar o que vinha do coração e não apenas o que via”.



Nascida no Japão em 1913, Tomie Ohtake veio ao Brasil em 1936 apenas para visitar um irmão, pretendendo voltar à Kyoto, sua cidade natal no prazo máximo de dois anos. Com a deflagração da II Guerra, o destino inicia um traçado impresso na vida e na obra da artista. Tomie resolve permanecer no Brasil. Em 1937, o casamento com o engenheiro agrônomo Ishio Ohtake, legitimou os valores de uma sociedade fechada de costumes milenares, em que a mulher era submissa e limitada a um pequeno círculo de amizades. Dessa forma a menina de Kyoto que rabiscava procurando figurar tudo o que estivesse ao seu redor cedeu lugar à esposa e mãe que durante 15 anos dedicou-se apenas à família.

O encontro com o professor de arte e pintor Keisuke Sugano que passou por São Paulo em 1951, despertou a vocação adormecida da artista. Sugano a fez produzir seus primeiros quadros retratando simples pinturas figurativas. Estas foram sucedidas por diferentes estilos através dos quais Tomie mergulhou por inteiro no abstrato, reforçando a sua fidelidade à forma, ao desenho bem caracterizado e à aplicação das cores de uma maneira racional. Na pintura a marca de Tomie é a pincelada que na sobreposição das camadas de tinta define até onde ela quer chegar.

Em 1969, começa a trabalhar com serigrafia e posteriormente executa litografias e gravuras em metal. Realiza, já na década de 80, diversas obras públicas, como o painel pintado no Edifício Santa Mônica, na Ladeira da Memória, em São Paulo; a escultura Estrela do Mar, na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro; a escultura em homenagem aos oitenta anos da imigração japonesa no Brasil, série de painéis para o Memorial da América Latina; e no espaço da piscina do SESC Vila Mariana, São Paulo, cria um painel de ferro pintado.

A relevância de Tomie no cenário das artes plásticas brasileiras reafirma-se em 2000, na abertura de um centro cultural com o seu nome, o Instituto Cultural Tomie Ohtake, local destinado a englobar cursos e exposições.

Tomie Ohtake é considerada a “dama das artes plásticas brasileiras” pela carreira consagrada e construída ao longo dos últimos cinquenta anos e também pelo estilo ímpar de enfrentar a obra e a vida, nas quais força e suavidade têm o mesmo significado. A fama conquistada, desde a década de 60, nunca modificou o desafio a que se propõe: o eterno reinventar.

Muito gentilmente, Tomie nos recebeu em sua casa, onde, aos 90 anos de idade, trabalha intensamente em seu ateliê, e nos concedeu uma agradável e descontraída entrevista.

REVISTA - *Conte-nos um pouco de sua história. Suas lembranças da infância e adolescência vividas em Kyoto.*

TOMIE – De minha infância lembro bem que, com cinco anos, fiquei doente. Tive pneumonia e, naquela época, era uma doença muito grave. Minha mãe ficou muito triste e preocupada e, para me agradar, me perguntou o que eu mais queria naquele momento. Eu respondi: comer sushi! Depois disto eu sarei e nunca mais fiquei doente.

“Eu era uma boa dona de casa, tinha dois filhos, mas sempre gostei de fazer pinturas. Mas, isso em meu caminho é uma coisa pequena, o casamento é muito maior, mais importante. Depois, quando as crianças estavam maiores e me sobrava um pouco de tempo, pensei que então poderia começar a pintar com mais dedicação. Eu estava contente e pintava com alegria. Eu nunca pensava em estilo.”

REVISTA - *Fale-nos sobre seus pais. Como eram? Como viviam? O que faziam?*

TOMIE - Minha mãe era muito boa e eu tenho saudades dela. Morávamos em Kyoto numa casa bem grande e meu pai era um empresário de madeira. Minha mãe era dona de casa. Éramos seis, cinco homens e eu, caçula, a única mulher. Meu pai morreu quando eu era pequena, no dia do casamento de meu irmão mais velho. Foi chocante e por isso ainda me lembro deste dia.

REVISTA - *Como e quando descobriu seu talento para as artes plásticas?*

TOMIE - Sempre gostei de desenhar, desde pequena. Na escola, o que eu mais gostava era da aula de artes, rabiscava a todo instante. Havia a pintura japonesa tradicional, com tinta de terra, mas eu não gostava daquilo, da linha fina e dos detalhes. Mas, nunca pensei em ser pintora. Isso aconteceu quando eu já era uma mulher de 39 anos.

REVISTA - *O acaso de ter ficado no Brasil, em razão da II Guerra, foi responsável pelo despertar de seu talento artístico? Como ocorreu o ingresso na vida artística?*

TOMIE - O Brasil me possibilitou ser a artista que sou hoje. Cheguei aqui, acabei me casando e quis por opção, só cuidar da casa e de meus filhos. E eu era uma boa dona de casa, tinha dois filhos, mas sempre gostei de fazer pinturas. Mas, isso em meu caminho é uma coisa pequena, o casamento é muito maior, mais importante. Depois, quando as crianças estavam maiores e me sobrava um pouco de tempo, pensei que então poderia começar a pintar com mais dedicação. Eu estava contente e pintava com alegria. Eu nunca pensava em estilo. Agora tem que ser assim, não é? Nunca pensei nessas coisas. O meu desejo era só pintar. Queria pintar o que vinha do coração e não apenas o que via.

“As coisas ruins não quero pensar, só coisas boas. São Paulo é a minha cidade e este é o meu país também. Estou morando aqui há quase 70 anos. Eu adoro São Paulo. Quando saio da cidade gosto de voltar logo. É difícil dizer quais são as minhas obras preferidas, gosto do conjunto de painéis na estação Consolação do Metrô, da escultura na Avenida 23 de Maio, enfim gosto de muitos trabalhos, pois, como já disse, me deixa feliz saber que o meu trabalho está perto dos paulistanos”.



REVISTA - *Já pensou em voltar para o Japão e morar em Kyoto?*

TOMIE - Nunca. Eu amo São Paulo, gosto muito de São Paulo. Aqui tenho o meu trabalho, aqui tenho muitos amigos e amigas e principalmente minha família está toda aqui. Para passear eu vou para o Japão. Já fui várias vezes para me encontrar com meus irmãos e conversar. Mas, agora meus irmãos faleceram todos, por isso não quero nem pensar nessa viagem. Para mim já valeu o bastante.

REVISTA - *Além das artes plásticas, quais são as outras formas de expressão artística que mais despertam seu interesse, que mais lhe emocionam? Por que?*

TOMIE - Gosto muito de dança, cinema e música. Acho que todas estas experiências como espectadora me sensibilizam e acabam inconscientemente influenciando a minha criação. Acredito na arte como forma de melhorar a vida das pessoas.

REVISTA - *A senhora acha que o Brasil valoriza os seus artistas? Ou apenas os estrangeiros? Aliás, como a senhora se coloca? “Nacional” ou “estrangeira”?*

TOMIE - Eu adoro o Brasil e repito isto todos os dias. Sou naturalizada brasileira. Acho que o Brasil é um país generoso e sabe valorizar quem é bom no que faz. Nunca pensei nisto - brasileira ou estrangeira - não passa pela minha cabeça este tipo de coisa.

REVISTA - *A senhora está com muitos projetos de trabalho?*

TOMIE - Muitos. Agora, até 11 de janeiro estava fazendo uma grande exposição. Estou, então, um pouco preocupada com que pode vir. De repente surge um outro trabalho e eu tenho que já começar a trabalhar nesse projeto. A gente não pode parar, quando para é pior, né?

REVISTA - *A senhora planeja o seu trabalho ou ele “brota”, repentinamente?*

TOMIE - Na maioria dos casos as solicitações vem de fora. São convites para fazer esculturas, pinturas, é mais ou menos assim. Então, são encomendas para exposições, tudo vem por convite. E aí é preciso ver o local, principalmente quando é para fazer escultura, tem que adapta-la ao local. Tem que sentir o ambiente.

REVISTA - *Qual sua opinião a respeito da atual situação social e política do Brasil? O que tem achado do governo Lula?*

TOMIE - Sou uma artista e da política só desejo que a cultura tenha cada vez mais espaço. Acredito na política que cria muitos milhões de empregos e na educação, como saída para os problemas sociais. Acho que o governo está também preocupado com isto, o que é muito bom.





REVISTA - *Num mundo marcado por violências de todo tipo, políticas, econômicas, etc, a senhora é otimista quanto ao futuro da humanidade? Como enfrentar tantos problemas sociais? A arte pode ser uma alternativa, um caminho? De que modo?*

TOMIE - Sou otimista sempre. A arte, sem dúvida, faz bem para o dia-a-dia das pessoas e, por isso, cada vez mais, gosto de produzir obras públicas para que todos possam ter contato com o meu trabalho.

REVISTA - *Quais são as finalidades e as estratégias de ação do Instituto Tomie Ohtake?*

TOMIE - O Instituto Tomie Ohtake foi construído pelo Grupo Aché e um de seus dirigentes freqüentava a minha casa quando era criança. Ele me viu pintando telas de minha primeira fase, no início dos anos 50. Agora, generosamente, deram ao Instituto o meu nome. Meu filho Ruy fez o projeto de arquitetura e meu filho Ricardo é quem comanda a política do centro cultural. Portanto, ele é quem sabe o que fazer. Eu não planejo nada, só vou obedecendo. O importante para mim é que nesse espaço com meu nome muitos artistas possam mostrar os seus trabalhos. Isto é o que me deixa bem contente.

REVISTA - *São Paulo está comemorando 450 anos de existência. Qual sua relação com a cidade? Quais de suas obras espalhadas pela cidade são suas preferidas? Como a senhora se sente na cidade e o que acha dela?*

TOMIE - As coisas ruins não quero pensar, só coisas boas. São Paulo é a minha cidade e este é o meu país também. Estou morando aqui há quase 70 anos. Eu adoro São Paulo. Quando saio da cidade gosto de voltar logo. É difícil dizer quais são as minhas obras preferidas, gosto do conjunto de painéis na estação Consolação do Metrô, da escultura na Avenida 23 de Maio, enfim gosto de muitos trabalhos, pois, como já disse, me deixa feliz saber que o meu trabalho está perto dos paulistanos.

REVISTA - *Em relação às suas obras expostas em outros países, quais lhe são mais significativas?*

TOMIE - A exposição retrospectiva no Museu Hara em Tokyo em 1988; as individuais em Londres, Nova York, Washington, Miami; em coletivas, a Bienal de Veneza, quando fui convidada para a Graffica d'Oggi; as salas especiais nas Bienais de Havana e Cuenca.

REVISTA - *A senhora considera que há diferenças no tratamento que a sociedade dispensa aos idosos no Oriente e no Ocidente?*

TOMIE - Acho que tudo isto é uma questão de cultura e o Brasil está amadurecendo neste sentido. No entanto, a renovação muito rápida que se faz nos empregos, não só tira a oportunidade dos mais velhos permanecerem na ativa, como se desperdiça a experiência.

REVISTA - *Como é que a senhora se sente aos 90 anos?*

TOMIE - A minha saúde é a mesma, o meu trabalho é o mesmo. Não tem outras coisas, diferenças não tem. É saúde e trabalho, que para mim é o suficiente.

REVISTA - *O que a senhora acha da situação dos idosos e dos aposentados no Brasil?*

TOMIE - Acho que vai melhorar, se houver a possibilidade de trabalho para todos e atividade mesmo que seja lúdica.

REVISTA - *A cidade de São Paulo está preparada para as limitações físicas dos idosos? O que deve ser feito?*

TOMIE - Sou uma idosa privilegiada, pois não tenho limitações. Sobre isto não seria justo julgar. Mas pelo que leio e ouço falar, a sociedade está empenhada em resolver estas questões. No entanto, não podemos esquecer que existe uma porcentagem muito grande da população com problemas de limitações físicas, como muitos idosos. A maioria desta população ainda não tem as mínimas condições de uma vida digna.

REVISTA - *O fato de ter iniciado sua carreira aos 39 anos de idade, seria responsável por sua longevidade como pessoa e como artista?*

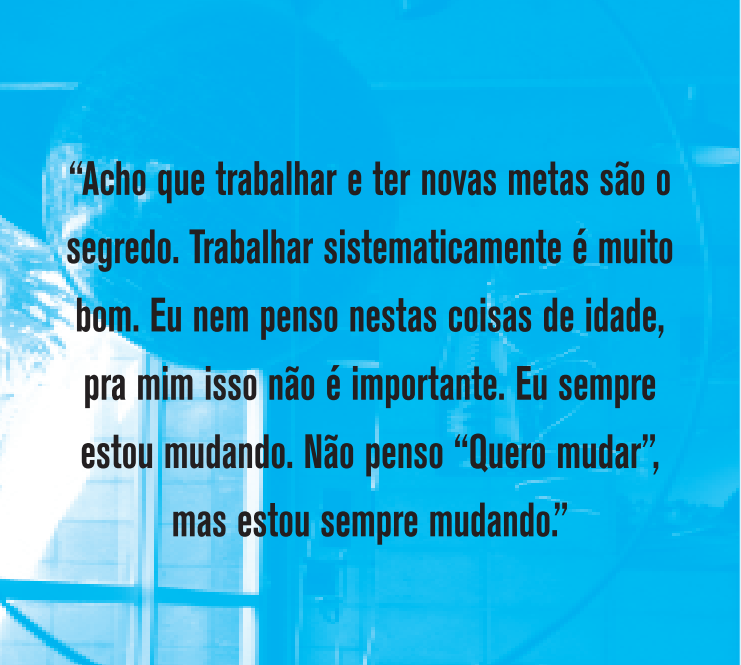
TOMIE - Acho que trabalhar e ter novas metas são o segredo. Trabalhar sistematicamente é muito bom. Eu nem penso nestas coisas de idade, pra mim isso não é importante. Eu sempre estou mudando. Não penso "Quero mudar", mas estou sempre mudando.

Revista - *A senhora sente diferenças na receptividade do seu trabalho por parte do público jovem e do público idoso?*

TOMIE – As pessoas jovens aplaudem, mas as pessoas idosas não gostam porque não entendem, é muito avançado para elas.

REVISTA - *O que acha da morte? A senhora se preocupa com ela?*

TOMIE – Acho uma coisa natural. Eu não me preocupo com ela.



“Acho que trabalhar e ter novas metas são o segredo. Trabalhar sistematicamente é muito bom. Eu nem penso nestas coisas de idade, pra mim isso não é importante. Eu sempre estou mudando. Não penso “Quero mudar”, mas estou sempre mudando.”

*Quais
são seus
planos
para o fu-
turo?*



Trabalhar. Agora estou envolvida com duas telas de 2x3 metros para a exposição "Trama Espiritual da Arte Brasileira" no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em fevereiro. Em 2005, o Paulo Herkenhoff está me propondo outra exposição. Vamos ver.

Conselho Regional do SESC de São Paulo
2002-2004

Presidente
Abram Szajman

Efetivos
Carlos Eduardo Gabas
Cícero Bueno Brandão Júnior
Eduardo Vampré do Nascimento
Eládio Arroyo Martins
Fernando Soranz
Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
Ivo Dall'acqua Júnior
José Maria de Faria
José Santino de Lira Filho
Luciano Figliolia
Manuel Henrique Farias Ramos
Orlando Rodrigues
Paulo Fernandes Lucânia
Valdir Aparecido dos Santos
Walace Garroux Sampaio

Suplentes
Amadeu Castanheira
Arnaldo José Pieralini
Henrique Paulo Marquesin
Jair Toledo
João Herrera Martins
Jorge Sarhan Salomão
José Maria Saes Rosa
Mariza Medeiros Scaranci
Mauro José Correia
Mauro Zukerman
Rafik Hussein Saab
Vagner Jorge

Representantes do Conselho
Regional Junto ao Conselho Nacional

Efetivos
Abram Szajman
Euclides Carli
Raul Cocito

Suplentes
Aldo Minchillo
Manoel José Vieira de Moraes

Diretor do Departamento Regional
Danilo Santos de Miranda

SESC SP

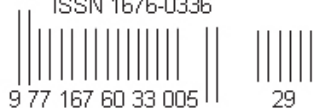
O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 29 unidades, disseminadas pela Capital e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em

SESC SP
www.sescsp.org.br
0 8 0 0 - 1 1 8 2 2 0

ISSN 1676-0336



9 77 167 60 33 005

29